



O MINISTÉRIO

ADVENTISTA



ANO 23

MARÇO-ABRIL

Nº. 2

"Servos de Deus, a buzina tocai..."





Ministério Animoso

O TEMPO em que vivemos exige um ministério forte, animoso. "Precisam-se homens de fibra", homens de caráter "que não podem ser adaptados nem submetidos por circunstâncias adversas". — *A Ciência do Bom Viver*. págs. 445 e 446.

Em tempo de crise tem havido quem se mantenha firmemente ao lado de Deus. O testemunho desses líderes produziu animação e esperança na hora da treva, e nessas lamparinas outras luzes foram acesas. Entre esses líderes figuraram os valdenses nas planícies do Piemonte. A ciência e a civilização operaram grandes transformações no mundo, mas Deus ainda precisa de homens "de fibra moral, integridade que não cedam à lisonja, nem à corrupção, nem às ameaças". — *Idem*, pág. 446.

Os homens que lideram o movimento adventista através das tempestades dos últimos dias terão que ser verdadeiros heróis da cruz. Praza a Deus que cada um de nós seja essa espécie de ministro.

A. V. O.

A Vida Ativa

MUITO tem sido dito estes dias quanto ao pastor tornar-se conselheiro eficiente. Salienta-se, muito acertadamente, a importância de escutar. Sem dúvida não pode haver auxílio duradouro sem que este seja precedido da compreensão integral dos problemas. E isso requer tempo e paciência.

Mas isto pode e tem de acontecer: Um pastor conselheiro mostrou interesse real nos problemas do aconselhado, e ilimitada paciência no escutar até que cada ângulo da dificuldade foi apresentado, descoberta a causa e mesmo feito o diagnóstico, mas justamente nesse ponto se lembrou de um com-

promisso importante, e o assunto nunca teve prosseguimento nem encontrou solução alguma. A pessoa envolvida, angustiada como estava, só poderá haver tirado duas conclusões: ou o pastor estava meramente curioso de saber os pormenores do problema, ou simplesmente usara a oportunidade para praticar a arte de diagnosticar problemas. Em qualquer dos casos, pareceria não haver da sua parte real e genuíno interesse.

E isto nos devolve ao assunto de nosso interesse na pessoa. Estamos nós interessados nas pessoas ou apenas nos métodos? Tanto nos conselhos como na conquista de almas, nosso máximo interesse deve ser pela alma que está em jogo. Aconselhamos nós para curar a alma ou para aprimorar nossa técnica conselheira? Trabalhamos com o pecador pelo desejo de adicionar um nome ao nosso relatório ou porque nenhuma alma poderá substituir aquela? Estamos nós interessados nas pessoas ou em nossa reputação? Nossa resposta a estas perguntas determinará o nosso valor e classificar-nos-á como pastôres ou como mercenários.

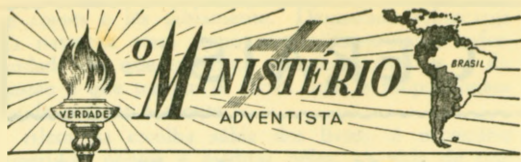
O mercenário não se importunará com a ovelha perdida ou extraviada, que exigirá dêle muito tempo e paciência para reaver. Ao contrário, trabalhará com os que possam ser acrescentados ao seu relatório com o mínimo esforço. Raciocinará que mais econômico é fazer ingressar na igreja várias novas ovelhas, do que sair em busca da perdida. As ovelhas extraviadas são sempre um incômodo. Além disso, umas poucas novas farão mais efeito. Por outro lado, o pastor verdadeiramente espiritual está interessado na pessoa, constantemente cômico de que nenhum indivíduo pode ser substituído por outro. Tomará tempo, sacrificará o conforto — não para que relate, mas possa reabilitar. Tomará tempo — não apenas para diagnosticar, mas para obter do Senhor a cura da alma.

A conquista de almas tem de ser mais do que uma arte ou uma ciência. Um navio que naufraga precisa mais do que uma avaliação estatística: a alma ferida necessita mais do que um "Deus te abençoe".

O espírito da verdadeira conquista de almas brota do coração subjugado em face da maravilha, beleza e ternura do amor de nosso Salvador. Nenhum verdadeiro pastor poderá ver almas caindo na perdição eterna sem bradar: "Ai de mim, se não pregar o evangelho!" Para ser conselheiro compreensivo e fiel é preciso orar por misericórdia, orar com Moisés: "Agora pois perdoa o seu pecado, se não risca-me, peço-Te, do Teu livro, que tens escrito."

Amor tal como esse não se contentará com um simples diagnóstico. Prosseguirá nos esforços até que a alma emaranhada se desemaranhe e os pés trôpegos estejam firmados na Rocha dos Séculos. Aconselhar é mais do que uma técnica. É a extravasão de uma alma simpatizante — uma dedicada vida ativa.

R. A. A.



Órgão publicado bimestralmente pela
Associação Ministerial da Igreja Adventista do
Sétimo Dia

Editado pela
Casa Publicadora Brasileira
Santo André, São Paulo

Gerente — Bernardo E. Schuenemann
Redator responsável — Luiz Waldvogel
Redator associado — Rafael de A. Butler
Colaborador especial:
Walter E. Murray

NOSSA CAPA

A representantes de A Voz da Profecia de
várias nacionalidades, o pastor H. M. S. Ri-
chards, dos Estados Unidos, mostra o avanço
do rádio-evangelismo no campo mundial.



ANO 23

N.º 2

DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

Ministério Animoso 2
A Vida Ativa 2

ILUSTRAÇÕES

Fé Apenas 3
Delicadeza 3
A Salvação 3

ARTIGOS GERAIS

Como Aproveitar Melhor as Horas de
Estudo 4
Devemos Falar de Morte? 6
A Prova de Nossa Fé 8

OBRA PASTORAL

Com que Frequência Deve ser Celebrada
a Ceia do Senhor 11
A Conservação dos Novos Conversos 12
Entrevistas Pré-nupciais 14

ESTUDOS BÍBLICOS

Os Amigos de Deus 17
Como Vencer os Maus Hábitos 18

EVANGELISMO

Figuram as Mulheres na Obra Evangé-
lica? 20

EVANGELISMO DA SAÚDE

Como é que o Hospital Alcança os
Corações 21
Os Métodos Modernos da Irmã White 22

NOTAS E NOTÍCIAS 23

NOSSA LÍNGUA

Raposinhas 24

ILUSTRAÇÕES

Fé Apenas

NUMA viagem de trem, um pregador empenhou-se numa conversação com outro passageiro, sobre o assunto da "Fé."

— Divirjo do senhor, disse o homem, nisso que qualquer pessoa é admitida no Céu por ser possuidora de uma cêdulazinha chamada "fé". Eu creio que quando Deus recebe alguém no Céu, Ele faz um exame do caráter da pessoa, e não uma inspeção de sua fé.

Nesse preciso momento chegou o conferente e examinou os bilhetes. Depois de êle haver passado, disse o pregador:

— Notou o senhor como os conferentes examinam as passagens, e não se dão ao trabalho de inspecionar o passageiro? Uma passagem de Estrada de Ferro é genuína, certifica que a pessoa que a apresenta cumpriu as condições da companhia e tem direito ao transporte. Assim "a fé" apenas, amigo, habilita a pessoa para aquela graça salvadora que produz o caráter que agrada a Deus. "Sem fé é impossível agradar-Lhe." — *Escolhido.*

Delicadeza

ANDAVA um homem apressado por uma rua, à noite, quando outro, também apressado, saiu repentinamente de uma porta, e os dois colidiram com grande força. Enfureceu-se o segundo homem, e usou de linguagem áspera, aos passo que o outro, tirando o chapéu, disse, com muita discrição: "Meu caro senhor, não sei qual de nós é o culpado por êste encontro, mas estou apressado demais para investigar. Se fui eu quem o atropelou, peço-lhe perdão; se foi o senhor, não é preciso desculpar-se." E pôs-se a correr, com redobrada velocidade. — *Seleto.*

A Salvação

FALANDO da salvação pela graça, Moody disse, certa vez: "Boa coisa é que o homem não possa salvar-se a si mesmo; pois se, por si só, pudesse abrir-se caminho para o Céu, nunca acabaríamos de ouvir-lhe falar disso. Basta que alguém consiga colocar-se um pouco acima de seus semelhantes e amearhar alguns milhares de cruzeiros para que se lhe ouça afirmar com orgulho que se fez com esforço próprio. Estou cansado de ouvir tais coisas, e alegro-me de que por tôda a eternidade nunca ouviremos ninguém no Céu que se possa vangloriar de haver-se aberto para si mesmo o caminho até ali." — *Mid-Continent.*

ARTIGOS GERAIS

Como Aproveitar Melhor as Horas de Estudo

HENRIQUE J. WESTPHAL

(Diretor da Associação Ministerial da Divisão Interamericana)

“SE a conversação (ou sermão) de V. Sa. é insípido, ou se sente desprovido de vida, morto para tôdas as novas concepções, se tem o espírito debilitado, e sente-se pesado e prosaico, leia mais livros. Essa é a maneira mais prática, mais curta e mais atraente de reunir o conhecimento que estimula a imaginação, amplia a mente, proporciona equilíbrio, visão, profundidade de compreensão e forma uma personalidade verdadeiramente culta.” — João Snider, em *I Love Books*.

Certamente, um bom livro abre os tesouros dos séculos. Inspira, enobrece, estimula a imaginação e conduz aos bons atos. Sábio é o ministro que aproveita êste grande privilégio. É um ministro que se desenvolve.

Crescimento. — “Ancora Impara”, (aprende ainda), era o lema do grande Miguel Ângelo, e esta determinação de progredir fez dêle o artista que foi, e não um operário mais. O ministro que não estuda continuamente, fica paralisado. É-lhe impossível verter para outros, a água da vida da Palavra, a menos que esteja constantemente bebendo da mesma fonte. Semana após semana, noite após noite, os ministros a proporcionam a outros: às almas sedentas. Como podem fazê-la fluir continuamente se não se alimentam espiritualmente com material sempre fresco? A irmã White escreve: “O coração que recebe a Palavra de Deus não é como um reservatório que se evapora, nem como uma cisterna róta que perde seu conteúdo. É como a torrente da montanha, alimentada por mananciais inesgotáveis, cujas águas frescas, borbulhantes, saltam de pedra em pedra, e refrigeram os cansados, os sedentos e sobrecarregados.” — *Obreiros Evangélicos*.

Em busca de tempo. — Quando encontra o ministro tempo para êste estudo e leitura que lhe possam encher a alma? Êste é um verdadeiro problema para a maioria dos ministros adventistas, pois já têm muito compromisso, em geral muito sobrecarregado de atividades. Mas deve criar-se tempo. Pode sê-lo cedo nas primeiras horas da manhã, ou nas últimas da noite, antes de recolher para o descanso, ou um pouco antes ou depois do almoço. O melhor de tudo é apartar um tempo determinado para o estudo e considerá-lo parte do programa diário. Alguns ministros aproveitam para a leitura o tempo nas viagens de trem ou qualquer outro meio de transporte. Outros levam consigo um pequeno livro e aproveitam os momentos de espera nas ante-salas das pessoas que vão visitar.

Escolha. — Já que o tempo do ministro é tão limitado e geralmente êle está sobrecarregado de atividades, como poderá tirar o melhor proveito de sua leitura? Escolhendo sábiamente os livros que

lerá. Não perderá tempo lendo livros de pouco valor. Tampouco dedicará horas aos livros superficiais e de valor efêmero. Escolherá seu material de leitura e estudá-lo-á cuidadosamente. Com o correr do tempo verificará ser necessário buscar dados valiosos nos mesmos. Neste caso já estará habituado a folhear rãpidamente as páginas e a passar por alto as partes e seções do livro que não sejam importantes, e tomará nota lenta e cuidadosa dos parágrafos que o interessam.

Os livros que cada pessoa escolhe são diferentes, pois cada um põe em jôgo a sua personalidade na escolha dos livros. Um se interessa por certo aspecto da teologia ou da filosofia, e outro, por outra coisa. Nunca têm duas pessoas que enfrentar os mesmos problemas, como não têm os mesmos antecedentes nem igual preparo. Não obstante, deve o ministro fazer escolha geral dos assuntos para leitura. Não pode êle reduzir-se a uma especialidade, pois se trata de um pastor que atende a trabalho pastoral generalizado, e tem que entender alguma coisa a respeito de todos os pontos da teologia e das doutrinas. Acontecimentos correntes, problemas sociais, tendências políticas, desenvolvimentos científicos são, todos, temas importantes para o ministro, e deve êle entender um pouco de cada.

Para os leitores que dedicam todo o seu tempo às revistas e aos jornais, e são negligentes quanto à leitura dos livros profundos, o mundo moderno encerra graves perigos. Há muitos artigos valiosos em muitas das revistas, mas o ministro deve acostumar-se a escolher por si mesmo os que têm valor para êle, rejeitando os que não encerram valor algum, apesar de serem atraentes. Diz-se que o homem ocupado sempre poderá ler o jornal em pé. Uns poucos minutos são suficientes para dar uma vista de olhos aos títulos e ler os poucos assuntos de interesse geral.

Custo. — A aquisição de livros é um problema para muitos dos pastôres de recursos limitados. Uma reserva anual ou mensal em seu orçamento ser-lhe-á de grande auxílio. Gasta-se muito dinheiro em coisas que logo desaparecem, mas as importâncias gastas em livros bem escolhidos fornecem para o seu estudo alguma coisa de valor duradouro. Muitas vêzes podem êles ser comprados nas livrarias de segunda mão. Também, uma biblioteca pública proporciona boas coleções, e o ministro pode aproveitá-las sem a necessidade de gastos. Também pode efetuar a troca de livros com vários obreiros.

Meditação. — Tomaz Fuller disse o seguinte: “Os livros são como os amigos: devem ser poucos e bem escolhidos. Sempre podes pretender ficar forte

se comes e lê sãbiamente. Demasiada sobrecarga da natureza trará como consequência mais enfermidade do que sustento. O pensamento e a digestão é que tornam os livros úteis e proporcionam saúde e vigor à mente."

Além da escolha sãbia dos livros, é necessário digeri-los, pensar e meditar nêles. A vida de oração do ministro deve ser um assunto de duas direções. Ele fala com Deus e em seguida escuta a Sua resposta. Somente assim, os bons pensamentos que podem voltar-lhe à mente, podem juntar-se com a oração e o Espírito Santo, antes de que os exponha à congregação. Deve tomar tempo para meditar em sua devoção particular. Enquanto viaja, enquanto espera nas *ante-salas* ainda pode tornar a repassar mentalmente novas idéias, pensamentos que se relacionam entre si e sãbias ilustrações. Se comenta com a espôsa e com os amigos os livros que leu, a própria repetição lhe servirá para fixar na memória o seu conteúdo. Nada nos ajuda mais a reter o conhecimento do que expô-lo a outra pessoa.

"Os livros são o colorido forte da experiência. Devem êles ser tomados cuidadosamente, gôta a gôta, não descuidadamente, como engolindo o conteúdo de uma garrafa; se quer aproveitar o melhor dos livros, dedique um quarto de hora para lê-los, e três quartos de hora para pensar no que leu." — Dr. Lyman Abbott.

Para êstes momentos de meditação, oração e estudo sem distração, necessita o ministro de um canto que possa chamar seu. Uma biblioteca ou estúdio onde possa trabalhar sem interrupções e ter à mão as suas coisas; escrivãinha, material para escrever, livros, cadernos, arquivos, etc. O estúdio não precisa ser grande, nem ter móveis luxuosos, mas todo ministro necessita de um canto tranqüilo para meditação, pois êste lugar se transforma numa potência à retaguarda do púlpito. Nesse canto pode receber quem a êle recorra em busca de conselho ou ajuda. Esse cantinho se transforma em um lugar sagrado do lar.

Memorizar. — Alguns dos tesouros que o ministro encontra em suas leituras deverão ser memorizados. Isto é um realidade, especialmente quanto ao Espírito de Profecia. Será muito boa idéia o copiar essas citações em pequenos cartões, relê-las e repassá-las de quando em quando, tal como se fazia nos colégios, anos atrás. A memória não se embota com o uso, antes, torna-se mais e mais aguçada com o exercício. Portanto, quanto mais o ministro pratique a memorização, tanto mais poderá aprender. Meu pai, o pastor J. W. Westphal, memorizou os livros de Romanos e Gálatas, e ao repeti-los uma e outra vez, viu-os com clareza tal em sua mente, que o despertaram para a grande verdade da salvação pela fé e pela vida vitoriosa.

Arquivo. — Entretanto, é praticamente impossível que uma pessoa se lembre de tudo quanto haja lido. Uma parte pode ser retida na memória, mas a grande maioria dessas coisas deve ser mantida em um arquivo. Os artigos, os recortes, as histórias e ilustrações que se arquivem, devem sê-lo como os livros, muito bem selecionados. É possível que se tenha um arquivo sobrecarregado de abundante material, de pouco valor. Melhor é ter menos material, mas sãbiamente organizado. Há muitos métodos, mas a experiência demonstrou que o mais eficiente é o arquivo dos envelopes, em que se podem guardar os recortes dos artigos. Algumas pessoas dão

preferência aos envelopes de papel manilha, de 25x35 c., outras preferem o tamanho de 20x25 c. Esses envelopes devem ser dispostos em ordem alfabética em arquivo vertical. Os títulos dos envelopes devem ser postos de maneira tal que sejam vistos com facilidade. Cada recorte deve ter numa margem a data e o nome da publicação de que foi recortado. Precisar-se-ão de algumas inter-referências (de um envelope para outro), visto poder-se usar o mesmo material para assuntos diversos.

Boa idéia é juntar as revistas que se quer revisar até dispor-se de tempo para fazê-lo, recortar os artigos que interessam, e inutilizar o restante. Dever-se-ão arquivar os recortes diãriamente ou semanalmente. Faz-se o trabalho com mais gôsto e mais vantajosamente se se designa um tempo fixo para fazê-lo, em vez de deixá-lo amontoado, o que desanima e causa confusão. O conselho que me deu um ministro, certa ocasião, bem se poderia aplicar aqui: "Planeje o seu trabalho e execute-o em seguida". A melhor organização não terá valor algum sem que seja executada.

Não se necessita de um arquivo dispendioso. Pode usar-se perfeitamente uma caixa de papelão até conseguir-se alguma coisa permanente.

Pode haver revistas de muito valor, e estas deverão arquivar-se em coleções anuais. O *Ministério*, por exemplo, contém muito material adequado, e melhor será conservar a revista, do que recortar os artigos.

Cada ministro desejará escolher e recortar o que será de interesse para as pessoas do lugar em que trabalha. Cada país tem seus próprios heróis e ditos históricos, que chegam ao coração da gente dêsse lugar de maneira muito especial. Portanto, o ministro deverá selecionar, tanto quanto lhe fôr possível, dêsse material que tem que ver diretamente com o lugar, mais do que os referentes a países estrangeiros.

Problemas práticos. — É possível que o ministro dedique muito tempo ao preparo de sermões e ao estudo? Sim, por certo. O estudo, como tôdas as coisas, também pode ser levado a extremos. Quem se limita ao estudo e não está capacitado para enfrentar os problemas práticos com que se defronta a igreja, não se entrega inteiramente à causa do Senhor. Deverá haver uma relação compreensiva entre o estudo e a ação social da igreja. O ministro precisa estar próximo dos membros da igreja e ser capaz de conquistar amigos com facilidade. Suas relações sociais são vitais.

A irmã White nos adverte, em *Obreiros Evangélicos*: "Muitos ministros se ocupam incessantemente em ler e escrever, o que os incapacita para a obra pastoral. Consomem em estudos abstratos tempo valioso que deveriam dedicar para o auxílio aos necessitados no momento oportuno. . . . Com freqüência o pastor descuida vergonhosamente os deveres que lhe incumbem, porque lhe falta a força para sacrificar suas inclinações pessoais para o retraimento e o estudo. O pastor deve visitar de casa em casa os membros de sua igreja, ensinando, conversando e orando com cada família, e atendendo ao seu bem-estar espiritual."

"Deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas". Portanto, o verdadeiro ministro não será negligente em seu trabalho ativo em favor dos demais, nem deixará de tomar o tempo necessário para as horas valiosas de inspiração e estudo.

Devemos Falar de Morte?

ALGUNS DOS MOMENTOS MAIS SIGNIFICATIVOS DA VIDA PODEM VIVER-SE A
SOMBRA DA IMINÊNCIA DA MORTE

DONALD C. BEATTY

(Vice-diretor do Serviço de Capelães da Administração de Veteranos, Washington, D. C., E. U. A.)

Cremos que nossos pastôres, médicos, enfermeiros e instrutores bíblicos apreciarão a leitura deste artigo. O autor, munido de ampla e valiosa experiência, aborda com acerto este tema que encontra eco nas fibras mais sensíveis do coração humano. — N. da R.

NESTE local paravam os peregrinos aguardando a hora feliz da sua partida, quando se divulgou a notícia de que chegara ao povoado um mensageiro da Cidade Celestial, com novas de grande importância para uma tal Cristã, viúva de Cristão, o peregrino. Perguntou-se por ela, e logo deram como a casa em que se alojava. Entregou-lhe, então, o mensageiro uma carta, cujo conteúdo era o seguinte: 'Salve, boa mulher! Tem esta o fim de fazer-te saber que o Mestre te chama, e espera que, vestida de imortalidade, compareças perante Sua presença dentro do prazo de dez dias.'

"Vendo Cristã que sua hora chegara, e que haveria de ser a primeira de seu grupo a atravessar o rio, mandou chamar Grande Coração para participar-lhe a notícia. Disse 'este que se alegrava muito da notícia, e mais se teria alegrado se o mensageiro o houvesse chamado. Pediu-lhe então Cristã conselho no tocante aos preparativos para a viagem. O guia forneceu-lhe tôdas as informações de que necessitava, e acrescentou: 'E nós, que te sobrevivemos, acompanhar-te-emos até à margem.'

"Em seguida, chamando os filhos, abençoou-os, dizendo-lhes que ainda reconhecia com grande satisfação o sinal que lhes pusera na testa; alegrava-se muito de vê-los ao seu lado, e de que houvessem conservado tão brancas as vestes. Por fim legou aos pobres o pouco que possuía, e instou com os filhos e filhas a que estivessem atentos ao momento em que o mensageiro viesse buscá-los." — Bunyan, *La Peregrina*, págs. 184 e 185.

Certamente os cristãos modernos não estão dispostos a aceitar a proximidade do fim de sua vida terrena, na maneira em que o fez Cristã, protagonista da história de Bunyan. Não desejamos enfrentar-nos com a realidade da morte. Não queremos dela falar. E isto é prova firme de que muita gente nem sequer deseja nela pensar. Por isso nos valem de um subterfúgio. Dizemo-nos: "Será melhor que o paciente não saiba da gravidade do seu estado." É comum que embora o melhor juízo médico indique que o fim está próximo, mantenha-se a pretensão de que, conquanto seja certo que a situação é grave, não é crítica. Mais de um paciente morre na inconsciência do estado de coma, do qual não se recuperará, e não terá a oportunidade de conversar com seus queridos. As despedidas, comuns ao partir para uma curta ausência,

amiúde são negadas a quem empreenderá a grande viagem. Existe um desapiedado convencionalismo, uma conspiração do silêncio que tornam dificultoso, senão impossível, que a pessoa gravemente enferma fale de sua morte iminente.

Depois de realizada a cerimônia fúnebre de uma senhora de oitenta anos de idade (para quem, por coincidência, fôra lida a despedida de Cristã), ouviu-se dizer a uma das filhas que com ela haviam estado nos últimos dias: "Durante a última semana mamãe começou a pensar que não mais melhoraria, mas eu não a deixei falar disso." Essa filha pensava haver feito coisa acertada. Esperava que o haver ela sufocado o desejo materno de falar sobre o fim de sua vida, seria aprovado pelos ouvintes. E houve, com efeito, muitos movimentos de cabeça apertórios, como se sua ação houvesse sido natural e judiciosa.

Disse um capelão, ao relatar suas experiências com os moribundos, que o procedimento adotado nos hospitais era o de nunca dar a entender aos pacientes gravemente enfermos, que porventura se achavam próximos do fim de sua vida. Os médicos do hospital, acrescentou, nunca informam o paciente de que não há de restabelecer-se. Instruem-se as enfermeiras para que não respondam a perguntas nesse sentido, ou, pelo menos, dissimulem a gravidade da enfermidade de quem as interroga. E considerava-se, mesmo, que o capelão cometera erro ao permitir que os pacientes falassem da possibilidade de morte próxima.

E estes não são casos isolados nem situações fora do comum. Ao contrário, o empenho para que o enfermo não encare francamente a probabilidade do fim da existência terrena, parece ser mais uma regra do que exceção.

Por Que Havemos de Falar Dela?

Pareceria que em nosso tempo a idéia da instabilidade da existência humana haja penetrado no pensamento e sentimentos de toda pessoa. Sabemos que a morte chega a todos. Por certo, quanto mais jovens formos, mais inclinados nos sentiremos a pensar em que chegará para os demais e não para nós. Mas todos estamos convencidos de que alguma vez nos tocará a hora de morrer. Entretanto este convencimento é aceito pela inteligência e não pelos sentimentos. Sabemos que é uma verdade, mas teoricamente, não como coisa real aplicável a nós também. Talvez isto origine em parte a facilidade com que tratamos de não falar nem mesmo pensar neste assunto.

Procedemos acertadamente ao tratar de não tocar no assunto do fim da existência? É certo como

pensam alguns, que o simples reconhecimento do provável deslize de uma enfermidade grave precipita a morte, e de outro modo esta não ocorreria? Pensam bem os médicos que sustêm que não deveria dizer-se a nenhum paciente, sob nenhuma circunstância, que provavelmente não haverá de restabelecer-se? Verdade é que para muitos enfermos não é necessário dizer-lhes com essas palavras. Têm eles um modo surpreendentemente certo de apreciar a situação. Às vêzes criam voluntariamente um pequeno drama de engano, fazendo com que seus amigos e parentes considerem sua enfermidade como um contratempo temporário, ao passo que estão intimamente convencidos de que a morte está próxima. Deixar-nos-emos arrastar nós também por este intento de escapar de uma das realidades mais solenes da vida?

Uma rápida resposta a este interrogatório faz-nos volver à pergunta que encabeça este capítulo. Por que havemos de falar dela? Que se ganha com dizer a uma pessoa que ela se encontra gravemente enferma? Se há de morrer, morrerá, e se se restabelece, que vantagem há em haver-lhe falado? Por certo não é possível dar uma única resposta a essas perguntas. Temos, porém, uma história verídica como exemplo. Benjamim e Alice haviam convivido durante vinte e sete anos. O filho mais velho já estava casado e vivia noutra cidade. Os outros estudavam no colégio. Alice adoeceu e havia já várias semanas estava no hospital da localidade. Certo dia Benjamim foi ter com o pastor e despejou-lhe o coração angustiado. "É muito provável, disse, que Alice não melhore. Os médicos já me informaram do estado dela. E ela não conhece a gravidade do seu estado!"

Pouco depois o pastor visitou Alice, e ela lhe falou serenamente de sua enfermidade grave; disse-lhe que não experimentava melhora nenhuma, e se a situação não mudasse, nunca mais se restabeleceria. "Mas estou um pouco triste por Benjamim. Ele não sabe da gravidade do meu estado!"

A resposta do pastor foi mais ou menos esta: "Todos esperamos que a senhora se restabeleça. Sei que os médicos lhe estão dedicando cuidado especial. Mas se a senhora sente isso, por que não fala a respeito, a Benjamim? Se ele mostrar desejo de falar sobre o assunto, não o dissuada." Falando depois com Benjamim, fez-lhe quase a mesma sugestão: Se Alice quisesse falar-lhe, não a impedisse.

Dois dias mais tarde Benjamim contou o acontecido, com lágrimas nos olhos, mas com o rosto que refletia uma luz interior. Ele e Alice haviam revivido sua vida de casados. Havia falado dos filhos e das esperanças que neles tinham. Ambos haviam evocado os pequenos incidentes, ora tristes ora alegres, de seus primeiros anos. Durante alguns momentos se haviam limitado a conservar as mãos unidas sem pronunciar uma palavra. Agora Alice estava em estado de coma. Parecia não reconhecê-lo quando entrava no quarto ou dêle saía. Mas "havia consentado tudo".

Não é mister que a morte seja uma calamidade irremediável. Às vêzes, por certo, aterra-nos ou desanima a maneira em que abrevia a vida que promete. Mas, amiúde, sobrevém como a culminação ou coroação de uma vida bem vivida. Nestas cir-

cunstâncias, parece inútil, se não quase cruel, não dar lugar a que a pessoa faça uma recapitulação da vida passada e expresse seu amor e afeto àquelles que hão de ficar neste mundo. Por isto dizíamos a princípio que alguns dos momentos mais significativos da vida podem reviver-se à sombra da iminência da morte. Não deveria, acaso, aceitar-se com reverência esta experiência, em lugar de considerá-la um acontecimento fora do comum?

Seguramente muita gente se surpreenderá ao ver quão amiúde quem vive no vale da sombra da morte deseja falar livremente dêsse grande acontecimento que se aproxima. Uma dessas pessoas era uma mulher idosa que, nas últimas fases do câncer, estava sendo tratada na casa do filho e da nora. Amigos e vizinhos visitavam-na assiduamente, estando ela acamada. Todos queriam ajudá-la de alguma maneira. Muitos dêles lhe dirigiam palavras de animação — ou pelo menos assim o pensavam. Falavam do que faria quando se restabelecesse, e tratavam de fazer-lhe sentir que estava de muito bom semblante, apesar de que tinha sobre o criadomudo um espelho de que se utilizava.

Um ministro chegado de uma cidade distante, informado da gravidade de seu estado, e percebendo com acerto que ela estava mais bem informada que ninguém de seu estado real, abordou o assunto, dizendo-lhe: "Irmã Isabel: informaram-me ser muito difícil que se restabeleça." Sua resposta foi instantânea: "Oh! sente-se, por favor aqui junto a mim, para conversarmos! O senhor é a primeira pessoa com quem posso falar, depois de muito tempo. Os demais me falaram do muito que poderei trabalhar em meu jardim nesta nesta primavera. Mas, então, eu não mais estarei aqui!"

Proseguiram falando de muitas outras coisas relacionadas com os seus últimos dias. E sem que ninguém com ela instasse, começou a falar das satisfações que lhe haviam proporcionado os filhos; de sua pena de não poder ver crescerem os netos; de sua esperança de haver cumprido sua missão, e de que seus últimos dias fôsem isentos de responsabilidades. Mencionou, também, pensamentos acerca da vida futura e o temor de que lhe sobreviesse a morte antes de estar inteiramente preparada para enfrentá-la.

Disse-lhe o pastor que se vivera valorosamente, muito provável seria que haveria de morrer da mesma maneira. Considerava que seus últimos atos neste mundo concordassem com o que realizara a vida toda. Seus amigos e parentes compreenderiam que se chorava, essas lágrimas revelariam o seu estado de fraqueza física. Falaria dessas coisas aos filhos? Sim, fá-lo-ia, caso não lhes fôsse muito penoso.

Quando os filhos compreenderam os anseios da mãe por falar-lhes do que sentia, decidiram-se a escutá-la, pois assim o desejava. As últimas semanas em que esteve consciente abundaram em tranquilas satisfações, tanto para ela como para a família. Nunca deixaram de estar agradecidos por êsses últimos dias de intimidade passados juntos.

Falaremos, então, acerca da morte?

A Prova de Nossa Fé

L. H. RUDY

(Vice-Presidente da Associação Geral)

COMO povo os adventistas chegaram a um momento grande e decisivo de sua história. Está o mundo compreendendo, como nunca dantes, o esplendor da mensagem que Deus lhes confiou. Vários fatores contribuíram para produzir este estado de coisas.

Atividades tais como relações públicas em nossas Associações, instituições e igrejas; os esforços da Voz da Profecia, os programas de televisão chamados *Fé Para Hoje*; a publicação do *Seventh-Day Adventists Bible Commentary* (Comentário Bíblico Adventista); e a produção de uma espécie de livros e de publicações que atraí a atenção das classes sociais mais destacadas, além de outros meios de levar ao mundo os ensinamentos fundamentais do cristianismo, colocaram-nos, como denominação, em posição muito vantajosa.

Creemos que tudo isso está contido na providência divina, e que ocorreu com o objetivo de que as verdades salvadoras da última mensagem de misericórdia divina para um mundo perturbado, sejam proclamadas com grande rapidez e poder. Este é o momento tão anelado, momento em que o remanescente de Deus, mais plenamente tomará o lugar assinalado de arauto da misericórdia, em um tempo em que o mundo está à borda do abismo da destruição.

Deus nos diz: "Levanta-te, resplandece, porque já vem a tua luz, e a glória do Senhor vai nascendo sobre ti. Porque eis que as trevas cobriram a Terra, e escuridão os povos; mas sobre ti o Senhor vai surgindo, e a Sua glória se verá sobre ti". (Isa. 60:1 e 2.)

Côncios deste grande momento de oportunidade, devemos perguntar-nos: Estamos-nos colocando à altura do repto que a hora presente implica? Somos fiéis à fé que nos foi confiada?

Em relação com isto, animador é meditar sobre as seguintes palavras:

"Não sabemos quais são os grandes interesses que podem achar-se em jogo quando Deus nos prova. Não há segurança além de na obediência estrita à Palavra de Deus. Todas as Suas promessas foram feitas sob condição de fé e obediência, e o não cumprirmos Seus mandamentos impede que se cumpram em nós as abundantes providências das Escrituras. Não devemos seguir nossos impulsos, nem confiar no juízo dos homens; devemos voltar-nos para a vontade revelada de Deus e andar em conformidade com Seus definidos mandamentos, quaisquer que sejam as circunstâncias. Deus tomará conta dos resultados; mediante a fidelidade à Sua Palavra podemos demonstrar na hora da prova, perante os homens e os anjos, que o Senhor pode confiar em que mesmo nos lugares difíceis cumprimos Sua vontade, honraremos Seu nome, e beneficiaremos Seu povo." — *Patriarcas e Profetas*.

Bem sabemos que toda responsabilidade significa tanto uma prova como uma oportunidade. Toda

missão confiada implica em risco. Deus Se dispôs a correr um risco extraordinário ao decidir levar a cabo Seu desígnio eterno por meio de agentes humanos. Apesar disso, correu o risco porque estava preparado para enfrentar os resultados, se os homens agissem em estrita obediência à Sua Palavra: "Mediante a fidelidade à Sua Palavra podemos demonstrar na hora da prova, perante os homens e os anjos, que o Senhor pode confiar em que mesmo nos lugares mais difíceis cumprimos Sua vontade, honraremos Seu nome, e beneficiaremos Seu povo."

Ao chegarmos a esta hora transcendental da proclamação da tríplice mensagem angélica, também chegamos ao momento da maior prova em nossa história. Como é animador saber que Deus "pode confiar em que mesmo nos lugares difíceis cumprimos Sua vontade", e que Ele revelou as bases sobre que podemos provar essa confiança!

Da experiência presente do povo de Deus, em que testificou fielmente, em estrita obediência à Palavra de Deus, descobriremos certas qualidades que são sumamente essenciais na prova de nossa fé.

Fortaleza Espiritual

Uma das primeiras qualidades reveladas na prova de nossa fé é a fortaleza espiritual. Esta sempre foi alguma coisa real na vida do povo de Deus. Sirva-nos de exemplo a experiência de homens tais como Abraão, José, Moisés, Samuel, Daniel e Isaías. Foram poderosos homens de fé. Andaram nos caminhos do Senhor apesar das circunstâncias que os rodeavam.

Cristo é quem apresenta o exemplo mais notável de fé e obediência no fazer a vontade de Seu Pai. Os apóstolos deram testemunho da mesma fortaleza espiritual. Teriam preferido morrer a desobedecer a Deus. Juntamente com seu Mestre, cada um deles bem poderia dizer:

"As minhas costas dou aos que me ferem, e as minhas faces aos que me arrancam os cabelos; não escondo a minha face dos que me afrontam e me cospem. Porque o Senhor Jeová me ajuda, pelo que me não confundo; por isso pus o meu rosto como um seixo, e sei que não serei confundido." (Isa. 50:6 e 7.)

Esta mesma inteireza espiritual, esta determinação de apartar-se da presunção e da complacência, caracterizou as fiéis testemunhas de Deus através da vida da igreja cristã, e hoje está presente na igreja remanescente. Não podemos deixar de encontrá-la onde quer que o povo que guarda os mandamentos de Deus seja provado pelas circunstâncias especiais que o rodeiam, circunstâncias que exigem apêgo estrito à Palavra de Deus.

O irmão K., da Rússia, é um bom exemplo entre os obreiros daquele país. Em 1934, ao final do primeiro plano quinquenal destinado a destruir a fé em Deus, este irmão, com muitos outros, foi

O MINISTÉRIO ADVENTISTA

aprisionado, tratado com crueldade e enviado para o destêrro siberiano. O trem que o conduzia para a Sibéria, estava em péssimo estado de conservação. Houve muitos acidentes, e o irmão K. sofreu ferimentos mortais. Morreu no hospital quase imediatamente depois de haver chegado ao seu destino, na Sibéria. Sua morte não foi notificada oficialmente à família, em Moscou, mas algum tempo depois chegou carta de um de seus companheiros de prisão. A seguir, transcrevemos alguns parágrafos dessa carta:

“Durante a cansativa viagem de duas semanas pelas estepes da Sibéria, êle [o irmão K.] não perdeu oportunidade, nem de dia nem de noite, de falar, tanto a mim como aos outros, do amor de Deus e da conversão. Falou-nos do plano da salvação, desde a queda de Satanás até à vinda de Jesus, a libertação dos justos e a nova Terra. Combinamos momentos de silêncio para orar juntos. Depois que lhe contei a história de minha vida, experimentei o poder do Espírito Santo. Agradei a Deus a maravilhosa revelação que me concedeu nesta viagem para o exílio, prometi servir-Lhe desde aquêl momento e guardar Seus mandamentos.

“Ao acontecer o terrível acidente do choque de nosso trem com outro, o irmão K. sofreu ferimentos muitos dolorosos, que finalmente lhe causaram a morte. Durante os momentos de dor e angústia que experimentou, nunca ouvimos de seus lábios uma palavra de queixa nem de lamento. Depois de expressar sua última vontade, que foi a de notificarmos sua família e a igreja de Moscou, pronunciou sua última oração. Agradeceu a Deus o privilégio de sofrer com Cristo, e a esperança de que seu sofrimento logo terminasse, e êle entrasse no repouso quando Cristo vier e o levar para o lar. Seu rosto resplandecia. Experimentou verdadeiramente a morte de um justo”.

Ao receberem os irmãos de Moscou esta mensagem, celebraram um culto religioso em sua memória. O lugar de cultos foi ornamentado com belas flores, porque elas lhes lembravam o seu amado ministro e ancião da igreja. O texto da Escritura considerado nessa ocasião foi o de Hebreu 13:3 e 7:

“Lembrai-vos dos presos, como se estivésseis presos com êles, e dos maltratados, como sendo-o vós mesmos também no corpo. . . . Lembrai-vos dos vossos pastôres que vos falaram a Palavra de Deus, a fé dos quais imitai, atentando para a sua maneira de viver.”

Nossos evangelistas em solitários postos missionários, amiúde reanimam as visitas com sua fé e firmeza espiritual. Certa ocasião estive visitando um de nossos veteranos missionários do Oriente Próximo. Havia então estalado a Segunda Guerra Mundial. Estávamos em Jerusalém. Depois da ceia comecei a animar êsse irmão e sua fiel espôsa, para que, logo que lhes fôsse possível, passassem suas férias em sua terra natal. Já haviam renunciado a um período de férias, e passou-se o seguinte sem que o tomassem. Depois de eu insistir sôbre o assunto, disse-me o missionário:

“Por favor, não insista em que devamos tomar férias. Já gozamos várias quando nossos filhos eram pequenos. Naturalmente, gostaríamos de ver outra vez nossos filhos, depois de tantos anos de separação. Também nos seria um gozo o vermos nossa

pátria novamente. Mas preferimos não ir até que voltemos definitivamente. As férias sômente nos fazem acarinhar-nos mais à nossa terra, e a readaptação à vida missionária torna-se mais difícil depois de um tempo de ausência passado na pátria. Por favor, deixe-nos prosseguir em nossa obra neste lugar, sem tomar férias”.

O espírito com que foi expresso êste modo de pensar e o ambiente reinante na conversação, não deram lugar a dúvidas quanto ao fervor e ao zelo do missionário e de sua espôsa. Não se insistiu mais no assunto. Se o missionário estava certo ou não, pode ser discutível, mas não há dúvida quanto à fortaleza de espírito. Conquanto sua decisão fôsse contrária aos meus desejos pessoais, nunca deixei de maravilhar-me de tão sincera devoção a Deus e aos interesses de Sua obra sôbre a Terra.

Êste mesmo fervor espiritual se encontra entre os jovens do movimento adventista. Lembro-me do caso de um de nossos jovens educadores. Quando efetuava estudos adicionais após sua diplomação, preparando-se para a profissão que escolhera, os pais e parentes buscaram interessá-lo na carreira da Medicina. Ao contar a última conversa que tivera em particular com o filho, o pai disse: “Não tornei a dizer-lhe coisa nenhuma mais sôbre o assunto, depois que ouvi as palavras que êle proferiu então. Depois de breve pausa, disse: “Papai, não quero estudar Medicina, porque exerceria essa profissão apenas pelo dinheiro”.

Tratava-se de um jovem cujos motivos de serviço não podiam medir-se em termos de comodidades e bem-estar materiais. Dedicara a vida à causa que exigia sacrifício, e não se deixaria dissuadir de sua determinação. Tal como centenaes de rapazes e moças das fileiras adventistas da atualidade, êsse jovem manifesta a espécie de fervor espiritual que provará a fé que Deus confiou aos adventistas do sétimo dia nestes últimos tempos.

O Verdadeiro Sentido do Encargo Missionário

Outra qualidade essencial que Deus requer ao provar a fé é um verdadeiro senso do encargo missionário, uma participação consciente e equilibrada da responsabilidade da obra de Deus, cujo progresso não deve pesar sôbre os ombros de uma só pessoa, nem de um grupo escolhido de indivíduos. Essas responsabilidades devem ser partilhadas por todo seguidor de Cristo.

Sem dúvida o apóstolo Paulo tinha em mente essa idéia, ao escrever a Timóteo: “Participa das aflições do evangelho segundo o poder de Deus.” (II Tim. 1:8.) Paulo lembrava-se do que abrangera o seu chamado para o apostolado entre os gentios. Fôra-lhe dito o muito que sofreria por Cristo. Nunca houve em seu dilatado ministério um momento em que não suportasse algum sofrimento pela causa de seu Mestre. Agora que se lhe aproximava o fim da vida, exortava Timóteo: “Portanto, não te envergonhes do testemunho de nosso Senhor, nem de mim, que sou prisioneiro Seu, antes participa das aflições do evangelho”.

Participar das aflições ou responsabilidades do evangelho significa ter verdadeiro senso da missão recebida, em relação com a urgência e as necessidades da causa de Cristo. A comissão evangélica abrange a proclamação do evangelho em todo o mundo, fazendo caso omissio das circunstâncias exis-

tentes e prescindindo dos sacrifícios que encerra. Nesta tarefa não pode haver detenção nem descanso. Cada soldado da cruz deve ser voluntário e estar pronto para levar a parte da carga que lhe toca, em qualquer tempo ou lugar que o Senhor indique. Amiúde isso inclui possuir a vontade de levar avante a obra de Deus com as menores facilidades, e sem a colaboração de uma igreja ou de ajudantes remunerados. O verdadeiro senso do encargo missionário não espera que cada obstáculo haja sido aplainado e tudo esteja pronto de antemão, para chegar a dêles apossar-se e desfrutá-los.

A atitude do apóstolo Paulo para com sua obra é digna de imitação. Ele nunca se colocou a si próprio ou a seus interesses pessoais em primeiro lugar, nem pensou no prestígio, na posição que alcançaria, ou na categoria que teria. Nunca almejou sobressair à custa do esforço de outros homens.

A sinistra tentação que amiúde assalta o obreiro evangélico ao ser chamado para outro campo de trabalho, está bem descrita no artigo "Uma Carta que Nunca Foi Escrita", publicado faz alguns anos na revista *Canadian Churchman*. Suponhamos, diz o autor, que São Paulo houvesse assim escrito:

"Prezado irmão:

"Sem dúvida estará lembrado do convite que me fez para passar a Macedônia e ajudar o povo dêsse lugar. O Senhor irá perdoar-me por dizer-lhe que estou um tanto surpreso por ver que espera que um homem da minha categoria na igreja considere com seriedade um chamado com tão pouca informação. Há uma quantidade de coisas acêrca das quais eu quisera inteirar-me antes de comunicar-lhe a minha decisão, e apreciaria que me escrevesse uma carta, que remeterá para Troas.

"Sobretudo, eu gostaria de saber se a obra na Macedônia se realiza no interior ou na cidade. Isto é importante, pois me foi dito ser impossível para o missionário que inicia a obra fora das cidades, conseguir depois um cargo na cidade. Se Macedônia abrange mais de um lugar onde eu deva pregar, preciso dizer-lhe francamente que não posso pensar em aceitar o chamado. Estive empenhado em preparação longa e dispendiosa. De fato, posso dizer com orgulho perdoável, que sou membro do Sanedrín, o único que agora está no ministério. (Minha educação e talentos habilitam-me para dirigir muito bem uma grande congregação.)

"Passei a idade em que o senhor podia esperar que um homem se lance a um novo campo sem ter a mínima idéia do salário que receberá. Forjei-me uma boa posição na Galácia, e iniciar um trabalho que signifique rebaixamento seria assunto que traria conseqüências desagradáveis.

"Eu lhe agradeceria que se reunisse com os irmãos de Macedônia, a fim de fixarem o salário que me poderiam conceder. O senhor nada mais me diz além de: 'O lugar precisa de ajuda'. Qual é a posição social dos dirigentes do grupo de Macedônia? Está a igreja eficientemente organizada?

"Últimamente recebi um oferecimento para voltar para a Antioquia, com aumento de salário, e foi-me dito que causei muito boa impressão na igreja de Jerusalém. Se êstes fatos forem de algum auxílio para a comissão executiva de Macedônia, posso comunicar-lhos; e também que alguns dos irmãos da Judéia ouviram dizer que se eu prosseguir como até agora, dentro de poucos anos po-

derei ter algum dom da igreja. Quero dizer que sou pessoa adaptável e sociável de primeira classe, e especialmente me destaco na oratória argumentativa.

Afetuosamente,

Paulo".

Presteza e Decisão

Uma terceira qualidade, que precisa ser cultivada continuamente, é a decisão e presteza na direção da obra de Deus. O temor, a vacilação e a indecisão foram a causa da perda de muitas batalhas. Ao consultarem os homens seus temores, em vez de avançar rapidamente no momento em que, providencialmente, as oportunidades se apresentam, Satanás está em condições de reunir tôdas as suas forças e fechar essas portas abertas.

Sobre êste ponto, especialmente, o Senhor concedeu ao Seu povo conselhos muito definidos. No livro *Obreiros Evangélicos*, págs. 129 e 130, lemos: "A causa de Deus requer homens de golpe de vista e capazes de agir pronta e enérgicamente no momento oportuno. Se esperais para medir cada dificuldade e pesar cada perplexidade que encontrardes, bem pouco haveis de realizar. Encontrareis dificuldades e obstáculos a cada passo, e deveis, com um firme propósito, decidir vencê-los, ou do contrário sereis por êles vencidos. . . .

"Tem-me sido mostrado que as mais assinaladas vitórias e as mais terríveis derrotas se têm decidido em minutos. . . . Perdem-se frequentemente vitórias devido a tardanças. Haverá crise nesta causa. A ação pronta e decisiva no momento oportuno conquistará gloriosos triunfos, ao passo que dilações e negligências darão em resultado grandes fracassos e positiva desonra para Deus."

As vêzes os homens que estiveram empregados em nossa obra chegam a ser críticos e rebeldes. Em certas oportunidades procuram dividir nossas igrejas, ou mesmo buscam entre nosso povo quem os siga, e trabalham em forte oposição à causa de Deus. Ao surgirem tais apostasias sediciosas, nossos dirigentes nas igrejas e Associações devem agir com decisão e presteza. Cada vez que começam a desenvolver-se os planos do inimigo, podem êles ser desbaratados com discernimento rápido e ação pronta. A autoridade decisiva e a presteza combinadas com amor fervoroso às almas perdidas e aturdidas, falarão gloriosamente em prol de Deus.

Cada vez que essa atitude foi assumida, os elementos rebeldes foram vencidos, e até os dirigentes dêsses movimentos souberam encontrar a senda que os conduziu de volta ao seio da igreja. Igrejas inteiras foram libertas de um estado crítico de confusão. Centenares de pessoas foram salvas da apostasia, e hoje se rejubilam com o povo de Deus numa bela experiência cristã.

Portanto a fim de provar perante os homens e os anjos que Deus pode confiar em que cumprimos Sua vontade, devemos cultivar estas qualidades essenciais de grande valor. Sem elas, será impossível seguir uma senda de estrito cumprimento da vontade de Deus. Com elas, bem desenvolvidas e apropriadamente exercitadas, a causa de Deus sempre estará em mãos seguras. Cada crise será enfrentada e vencida para a glória de Deus. Os obstáculos, a oposição e a indecisão serão transformados em valor e vitórias. A causa de Deus avançará com a glória do Céu, em meio das trevas e contratempos do mundo.



OBRA PASTORAL

Com Que Frequência Deve Ser Celebrada a Ceia do Senhor

W. E. READ

(Secretário de Campo, Associação Geral)

SURGEM às vezes perguntas sobre a frequência com que deve ser celebrada a Ceia do Senhor. Não existe realmente uniformidade neste particular entre as comunidades cristãs. Há quem o faça diariamente, alguns o fazem uma vez por semana, outros, uma vez por mês, e ainda outros, uma vez por trimestre. Uns poucos existem, porém, que argumentam que, visto que a Ceia do Senhor ocorreu na Páscoa e a Páscoa não era celebrada senão uma vez por ano; deve a Ceia do Senhor ser celebrada também anualmente. Acham outros que devam seguir o que consideram ser o exemplo da igreja primitiva, e celebram esta ordenança cada dia.

Qualquer pessoa relacionada com o registro do Novo Testamento, porém, reconhecerá que não existe instrução explícita no tocante a este assunto. Não nos é dito se deva ser diária, semanal, mensal, ou com que frequência. Convém, entretanto, dar alguma consideração ao assunto, e salientaremos o seguinte:

1. *O que concerne à Ceia do Senhor em relação com a Páscoa.*

a. Devemos lembrar que a Páscoa era um tipo da morte do Messias, pelo que a Ceia do Senhor era um memorial de Sua morte; um apontava para a frente; o outro, aponta para trás.

"A Páscoa deveria ser tanto comemorativa como típica, apontando não somente para o livramento do Egito, mas, no futuro, para o maior livramento que Cristo deveria efetuar, libertando Seu povo do cativeiro do pecado." — *Patriarcas e Profetas*, pág. 298.

b. A Ceia do Senhor substituiu a celebração da Páscoa.

"Cristo achava-Se no ponto de transição entre dois sistemas e suas duas grandes festas. Ele, o imaculado Cordeiro de Deus, estava para Se apresentar como oferta pelo pecado, e queria assim levar a termo o sistema de símbolos e cerimônias que por quatro mil anos apontava à Sua morte. Ao comer a páscoa com Seus discípulos, instituiu em seu lugar o serviço que havia de comemorar Seu grande sacrifício. Passaria para sempre a festa nacional dos judeus. O serviço que Cristo estabeleceu devia ser observado por Seus seguidores em todas as terras e por todos os séculos." — *O Desejo de Todas as Nações*, pág. 488.

c. Esta ordenança foi instituída quando findou

a cerimônia da Páscoa. Isto está indicado pela citação anterior.

2. *O que concerne a Atos 2:42 e 46.*

Algumas pessoas têm sustentado que as expressões contidas nestes versículos indicam uma celebração diária da Ceia do Senhor no tempo da igreja primitiva. As expressões são: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão" (v. 42); "e, perseverando unânimes todos os dias... partindo o pão em casa" (v. 46).

Este é um passo interessante das Escrituras, digno de cuidadoso e meditado estudo.

a. A expressão "em casa":

O pensamento que parece ser evidente nesta expressão é que os crentes, não possuindo edifícios de igreja próprios naquele tempo, realizavam as reuniões em sua própria residência.

b. A expressão "partindo o pão":

Supõe-se que isto se refere em sentido especial à Ceia do Senhor, e menciona-se que algumas versões confirmam esta suposição. Faz-se referência ao seguinte: A tradução siríaca — "partindo a eucaristia"; a tradução de Weymouth — "na sua participação da comunhão, isto é, no partir do pão".

Mathew Henry também participa desta interpretação, pois em seus comentários sobre Atos 2:42-47, observa:

Eles frequentemente participavam da ordenança da Ceia do Senhor. Perseveravam em *partir o pão*, na celebração desse memorial da morte de seu Mestre."

c. Outras versões, entretanto, não apoiam este pensamento. Supõem ser uma referência aos ágapes de amizade dos cristãos primitivos, celebrados em muitas ocasiões. Barnes, em seu comentário, escreve:

"Em siríaco reza 'a eucaristia', ou a ceia do Senhor. Não pode, porém, ser especificado se se refere ao partir do seu alimento habitual, juntos, aos ágapes de caridade, ou à Ceia do Senhor. O pão dos hebreus era feito em forma de broas, finas, duras e quebradiças, de modo que era *partido*, em vez de cortado. Por isto, a frase *partir o pão juntos*, para demonstrar intimidade ou amizade, da mesma forma que os gregos o manifestavam bebendo juntos. ... Da expressão usada no v. 44, comparada com o v. 46, de que tinham todas as coisas em comum, dir-se-ia, antes, estar subentendido que se refere à participação de suas refeições

habituais. Esta ação de *partir o pão* era comumente realizada pelo chefe da família, logo depois de ser pedida a bênção." — *Popular Commentary*, Vol. III, pág. 57.

Robertson, em seu livro *Word Pictures*, diz:

"O problema consiste em se Lucas se refere ao alimento habitual, como em S. Luc. 24:35, ou à Ceia do Senhor. O mesmo verbo *klao* é usado para partir o pão na refeição habitual (S. Luc. 24:30) e na Ceia do Senhor (S. Luc. 22:19). Geralmente se supõe que os primitivos discípulos atribuíam tanta importância ao partir do pão nas refeições habituais, mais do que a nossa ação de graças; que em seguida às suas refeições celebravam a princípio a Ceia do Senhor, uma combinação chamada *agapai* ou banquetes de amor. 'Não pode haver dúvida de que a eucaristia nesse período era precedida uniformemente do repasto habitual, como o foi quando a ordenança foi instituída' (Hackett). Isto levou a alguns abusos, como em I Cor. 11:20. Daí ser possível que o que aqui é citado seja a Ceia do Senhor, celebrada em seguida à refeição habitual. 'Simplesmente explicar *tei klasei tou artou* como "A Santa Comunhão" equivale a perverter a significação simples das palavras, e desfigurar o quadro da vida familiar, que o texto nos apresenta como sendo o ideal dos crentes primitivos' (Page). Mas em Atos 20:7, parece haverem-se eles ajuntado especialmente para a observância da Ceia do Senhor. Talvez não haja meio de solucionar o caso conclusivamente." — A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament*, Vol. III, pág. 38.

Sobre este ponto os escritos do Espírito de Profecia silenciam. A luz, pois, do que foi exposto, julgamos não dever usar os versículos de Atos 2 para provar que a cerimônia da comunhão nos dias da igreja primitiva fôsse celebrada diariamente.

3. O que concerne a I Coríntios 11:25 e 26.

A expressão "todas as vezes" provém da palavra grega *pollakis*, que significa "muitas vezes", como ocorre em Rom. 1:13; S. Mat. 17:15 e Heb. 9:25. Isto não indica qualquer tempo específico, mas "cada vez" que fizermos isso. Dá à igreja a liberdade de determinar a frequência da celebração das ordenanças. Quando quer que seja celebrada, quer frequentemente quer raras vezes, podemos ter a certeza das bênçãos do Senhor para o Seu povo, ao participarem eles dos memoriais do Seu corpo partido e do Seu sangue por eles vertido na cruz do Calvário.

4. O que concerne aos conselhos dos escritos do Espírito de Profecia.

Este conselho é nitido e claro. Por não haver a Páscoa sido celebrada senão uma vez ao ano, não devemos pensar que a Ceia do Senhor deva sê-lo apenas uma vez por ano. Uma coisa é clara no conselho dado, e essa é que essa sagrada ordenança deve ser celebrada com frequência na igreja de Deus.

"Cristo pretendia que essa ceia fôsse comemorada com frequência, a fim de nos fazer lembrar Seu sacrifício de dar a Sua vida para a remissão dos pecados de todos quantos n'Ele crerem e O receberem." — Ellen G. White, *The Lord's Supper and the Ordinance of Footwashing*, N.º. 1, *The Review and Herald*, 31 de maio de 1898.

"Jesus assumiu novamente o Seu lugar à mesa, em que foram servidos pão e vinho não fermentado, e cujo preparo havia sido feito segundo instruções de Cristo. Ele aparentava muita tristeza. 'E, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o, e deu-lho, dizendo: Isto é o Meu corpo, que por vós é dado; fazei isto em memória de Mim. Semelhantemente tomou o cálix, depois da ceia, dizendo: Este cálix é o Novo Testamento no Meu sangue, que é derramado por vós. Em verdade vos digo que não beberei mais do fruto da vide até àquela dia em que o beber de novo no reino de Deus.'

"Com isto instituiu nosso Salvador a ceia do Senhor, para ser celebrada amiúde, e manter viva na lembrança de Seus seguidores as cenas de Sua traição e crucifixão pelos pecados do mundo. Queria que Seus seguidores reconhecessem sua contínua dependência de Seu sangue para a salvação. O pão partido era o símbolo do corpo de Cristo, dado para a salvação do mundo. O vinho era o símbolo do Seu sangue, derramado para a limpeza dos pecados de todos quantos a Ele recorressem em busca de perdão, e O recebessem como seu Salvador.

"A salvação do homem depende da aplicação contínua ao próprio coração, do purificador sangue de Cristo. Portanto, a ceia do Senhor não devia ser observada só ocasionalmente ou anualmente, mas com mais frequência do que a páscoa anual. Esta ordenança solene comemora um acontecimento muito maior do que o libertamento dos filhos de Israel do Egito. Esse libertamento era típico da grande expiação que Cristo fêz mediante o sacrifício de Sua própria vida para o final libertamento de Seu povo." — *Spiritual Gifts*, Vol. III, págs. 227 e 228.

A Conservação dos Novos Conversos

W. S. BANFIELD

(Pastor, Associação Sul-Atlântica)

NOSSOS relatórios estatísticos da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, que revelam nossos ganhos numéricos em membros, são animadores. Entretanto, com pouco menos que um milhão de crentes em um mundo de mais de dois bilhões de habitantes, estou certo de que todos

alimentamos o desejo ardente de que nossos ganhos sejam mais substanciais.

Bem fazemos em salientar e promover o nosso zelo e fervor evangelísticos para a conquista de novos conversos para o reino de Deus. Ao mesmo tempo precisamos proteger-nos contra uma espécie

de desapontamento experimentado pelas duas classes em Ageu 1:6 e 9. Uma classe pôs o seu salário em saco furado; a outra ambicionou muito, apenas para voltar para casa e verificar que um golpe de vento arrebatara a maior parte. Não podemos correr o risco de pôr a preciosa semente de nosso evangelismo num saco furado nem ver soprado pelo vento o fruto de nosso esforço. Nossas forças de evangelização ficam submetidas a grande tensão para manterem os celeiros abarrotados, quando não podemos conservar esses ganhos. Em vista de que nossas perdas têm atingido a culminância de 52% dos que são admitidos durante um ano, apresentamos umas poucas sugestões para auxiliar a conservação de nossos novos conversos.

Tratemos, em primeiro lugar, da situação de um evangelista e seus auxiliares que vão a uma cidade, realizam reuniões bem sucedidas e se retiram, deixando ao pastor local a responsabilidade de conservar os ganhos havidos.

A Elevação do Chamado do Pastor

Todo homem chamado de Deus deve reconhecer que seu trabalho é da mais alta importância. O trabalho do evangelista especializado pode ser mais espetacular, mas em realidade o trabalho do pastor é igualmente importante. O pastor nunca deve pensar que seu trabalho seja de valor inferior, e ficar insatisfeito por inveja das glórias que bafejam o evangelismo. Ao contrário, deve reconhecer que somos todos membros do mesmo corpo. O apóstolo Paulo declara que nenhum membro deve gloriar-se sobre outro, nem pensar que pode dispensar o auxílio do outro. Jesus Cristo é a nossa Cabeça, e todo outro membro deve desfrutar glória igual.

O evangelismo em geral exige maiores gastos financeiros, propaganda profusa e um grupo de obreiros bem instruídos e talentosos. Como resultado, as pessoas ficam encantadas e bem impressionadas. A retirada abrupta do evangelista no final da série de reuniões pode prejudicar o efeito de suas reuniões e resultar em algumas perdas. O mergulhador de águas profundas tem que voltar à tona gradualmente, ou ser pôsto numa câmara de decompressão ao atingir a superfície, senão sofrerá o chamado "mal dos caixões" que poderá ser-lhe fatal. Nossas emoções estão sujeitas a pressões idênticas. É-nos preciso fazer baixar a pressão suavemente. Retirem-se o evangelista e seu grupo de auxiliares gradualmente, em período de tempo razoável. Isso ajuda a evitar perdas.

É vantajoso que o pastor trabalhe com o evangelista. Assim as pessoas e o pastor se conhecerão antes de o evangelista retirar-se. O pastor é beneficiado quando conhece os métodos do evangelista e se informa dos problemas surgidos nas reuniões. Quando as pessoas testemunham as relações amistosas entre o evangelista e o pastor, mais facilmente aceitarão o serviço do pastor, quando o evangelista se retirar. Estes novos conversos apreciam ouvir o pastor referir-se ao evangelista com modestos elogios, pois o veneram como seu pai espiritual. Sábio, porém, é que o evangelista, antes de partir, concite as pessoas a serem fiéis a Deus e a darem ao pastor ampla cooperação.

Oito Pontos Essenciais

1. Para o novo converso a igreja e seus arredores devem ser convidativos. Não precisam, obrigatória-

mente, ser luxuosos nem bem ornamentados mas, sim, bem tratados. E deve refletir o caráter de nossa mensagem — isto é, possuir reservados higiênicos, água potável filtrada, fresca, interior limpo, soalho, móveis e passadeiras bem limpos, vidraças inteiras e iluminação e ventilação apropriadas. Os arredores devem ser mantidos atraentes. Em sentido especial, esta é a casa de Deus, e, quando mantida nestas condições, confirma a fé que o novo converso adquiriu.

2. No mundo do comércio, as pessoas respeitam o que é feito em estilo comercial. Os negócios divinos devem possuir a melhor direção. Decoro no púlpito, culto bem ordenado, pontualidade e auxílio cortês para a manutenção do espírito de reverência. Isto é especialmente apreciado pelos que procedem de igrejas que costumam praticar esses princípios. A atmosfera de adoração ajuda a conservar os novos conversos.

3. O pastor deve ser inflexível na prática das visitas aos membros. O inimigo está constantemente ativo para confundir os novos conversos." Famílias desunidas, desavenças irreconciliáveis entre vizinhos e velhos amigos, e a mudança do ritual e das relações sociais, muitas vezes acabrunham o novo crente. Até que se habitue à nova maneira de vida, precisa êle de constante auxílio e conforto pessoais. Notai toda ausência sua e visitai-o imediatamente. Não vos demoreis! Algumas pessoas morreram porque o seu socorrista chegou tarde demais!

4. Prossegui com alguma forma de plano evangelístico, especialmente domingos à noite. A recapitulação das doutrinas ajuda a fixá-las indelêvelmente na memória. A oportunidade que isso proporciona ao novo crente para levar à igreja os seus amigos, para que também êles tomem contato com a recém-encontrada nova crença, muito contribui para a conservação dos novos conversos, bem como para que outros se convertam. As reuniões de domingos a noite, ajudam grandemente os novos membros a vencerem as dúvidas e incertezas que inevitavelmente surgem após a retirada do evangelista.

5. Os novos conversos e os velhos crentes precisam conhecer-se mutuamente. O novo deve ser acolhido com entusiasmo, não apenas tolerado pelos velhos. Deve o pastor estar alerta para evitar qualquer ciúme, façção e rivalidade que possam surgir e, com tato, planejar métodos para eliminar essas situações. Reuniões sociais bem planejadas são justamente a espécie de auxílio de que se necessita neste sentido. Deve êle projetar um programa que será proveitoso e satisfatório, tanto para os novos conversos como para os velhos crentes, promovendo, assim, a união entre êles.

6. Muitas vezes os novos conversos estão ansiosos de prestar à igreja algum serviço. Devem êles ser animados. Se não tiverem o preparo suficiente, vários cursos de instrução devem ser iniciados. Utilize a igreja, tanto quanto possível, os talentos novos. Sêde cuidadosos, porém, para não dar atenção demasiada a uns poucos, com a negligência ou desdém dos outros. Um pouco de prudência neste sentido evitará desgostos.

7. Sêde discretos na coleta de fundos. Os adventistas do sétimo dia são afamados por sua liberalidade com sacrifício. E assim deve ser. Nutrimos humilde orgulho pelos sacrifícios de nossos membros. Lembremos que na mensagem da igreja de

Laodicéia existe uma advertência de que poderá nela haver simultaneamente riqueza material e pobreza espiritual. A profundidade espiritual não é avaliada em cruzeiros e centavos. Os alvos são algumas vezes necessários para ajudar as pessoas a decidirem quanto podem fazer, a relacionarem-se com a necessidade, e a terem um objetivo em vista. Recorrer à extorsão de dinheiro por meio de coerção física ou moral ou por competição hostil, ou tornar opressivos os alvos financeiros, equivale a derrotar os objetivos da mordomia cristã. Sejam prudentes na fixação de alvos e no uso dos métodos para atingi-los. O dar deve ser um ato de culto e uma manifestação do amor.

8. Ampliai no crente novo a visão da finalidade

do movimento adventista. Incentivai a frequência às assembleias bienais, congressos de jovens, e acampamentos de juvenis. Animaí a utilização de nossas escolas primárias, hospitais e sanatórios. Convidai os oficiais e missionários das Associações para que visitem as igrejas e nelas preguem. Anima o novo crente a certeza de que não ingressou numa entidade pequena, insignificante e isolada, mas num movimento mundial bem organizado e dirigido. Temos justo motivo de orgulhar-nos de nossa herança espiritual.

Praza a Deus que por ocasião da vinda de Jesus haja uma messe abundante como resultado da conservação dos novos conversos.

Entrevistas Pré-nupciais

CLIFFORD A. REEVES

(Evangelista da Associação do Sul da Nova Inglaterra)

QUANDO dois tímidos jovens se aproximam do pastor, pedindo-lhe que officie na cerimônia nupcial, oferecem ao ministro a oportunidade de aconselhá-los para que conheçam tôdas as diferenças existente entre o matrimônio feliz e o que o não é. Alguns pastores se estabeleceram a regra de não casar um par sem que hajam tido com eles uma entrevista prévia para nela abordar as condições básicas de um lar cristão feliz. Os jovens anseiam fervorosamente auxílio e orientação com o objetivo de que o consórcio tenha êxito, e respondem com sinceridade se sabem que o ministro é capaz, compreensivo, e está realmente interessado em auxiliá-los sem divulgar suas confidências.

Hoje em dia, quando os divórcios e os lares fracassados são coisa comum, quando milhares de consórcios aparentemente firmes, cambaleiam e permanecem de pé unicamente pela pressão social e econômica ou por crença religiosa, é dever do pastor preparar-se convenientemente por meio da leitura e estudo, para fornecer a tão necessitada ajuda. Aconselhar e ajudar a juventude em seu preparo para um casamento cristão, deverá chegar a ser uma parte absolutamente indispensável da obra pastoral.

Todo par, ao compreender antecipadamente a profunda significação da vida matrimonial, anela que sua união seja bela e fecunda. Estão interessados em saber quais são as suas probabilidades de êxito no matrimônio quando há tantos lares infelizes e fracassados. Quando os jovens pedem ao pastor que realize a cerimônia ou chegam a conversar acêrca dos planos de núpcias, êle pode sugerir-lhes discretamente que está interessado e habilitado para fornecer-lhes alguns conselhos. Por certo, o valor e o resultado dêsses procedimentos dependem, naturalmente, da participação voluntária dos jovens que irão contrair o enlace. Em seu livro intitulado "Pastoral Counseling", (Conselho Pastoral), diz Carroll A. Wise:

"Nesta entrevista o pastor se torna emocionalmente acessível ao par. Tratará de formar uma amizade que proporcione confiança e liberdade para

expor qualquer problema, se é que desejam fazê-lo. Êle, porém, há de considerá-los tais como se vêem a si mesmos. O ministro não deve perguntar nem sermonear. Se o par pertence à sua igreja, deverá êle haver já formado amizade com êles por meio de seus contatos pessoais. Se o par ê-lhe desconhecido, será oportuno que lhes diga que se sentirá feliz em com êles conversar acêrca . . . da adaptação conjugal, se o desejam." (Grifo nosso.)

Quando fôr estabelecida essa relação amistosa, o pastor pode convidá-los para conversarem com êle, precisamente nesse tempo em que há grande necessidade de conselho e orientação. Assim haverá oportunidade de trazer à balha, com tato, os problemas que provavelmente os jovens vacilam em expor. São vários os critérios dos ministros acêrca de quanto deveria dizer-se dos mais íntimos aspectos físicos do casamento. De minha parte, penso que o melhor procedimento consiste em encaminhar os jovens a um médico que se saiba ser cristão, preferentemente um do nossos médicos adventistas, casado e com filhos. Êle estará apto para dar todos os conselhos necessários no tocante ao preparo e adaptação física para o casamento e as relações sexuais. Em geral aconselho tanto o homem como a mulher a que efetuem um exame físico geral juntamente com o pré-nupcial, de sangue, exigido em vários países. Se cada pastor pudesse fazer os arranjos necessários com um médico capacitado que tenha desejos de cooperar com êste plano, e que cobre honorários razoáveis, muito se poderia fazer para auxiliar os futuros recém-casados.

Prefiro ter duas entrevistas com os noivos antes da cerimônia nupcial. A primeira pode realizar-se pelo menos um mês antes do casamento, e a segunda, umas semanas depois da primeira. Uma vez que o par sente confiança em falar do que mais lhes interessa, animo-os a interromperem a conversação em qualquer ponto para fazerem as perguntas que desejam. No final da primeira entrevista, depois de terminada a oração, entrego a cada um um bom livro acêrca do matrimônio e insto com êles para que ambos o leiam antes da seguinte en-

trevista. Alguns livros que servem par êste propósito são:

O Lar e a Saúde, de Ellen G. White.

Segredos de Um Lar Feliz, da Dra. Belle Wood-Comstok.

O Segredo da Felicidade Conjugal, do Dr. Harold Shryock.

Na segunda entrevista menciono alguns dos assuntos tratados no livro que emprestei, e dêsse modo se abre o caminho para que façam as perguntas que possam haver surgido de sua leitura.

Entrevista Sugestiva

O que a seguir se sugere é uma conversação típica, que abranja assuntos que possam tratar-se com proveito numa entrevista com os futuros esposos. Por certo, podem surgir muito variadas perguntas e problemas que se animará a apresentar no transcurso da conversação. Esta pode ser introduzida, depois de um momento de oração em que se instará com o noivo e a noiva para participarem, juntamente com o pastor, das palavras registradas em S. Mat. 19:4 e 5: "Não tendes lido que Aquêlle que os fez no princípio, macho e fêmea os fez, e disse: Portanto deixará o homem pai e mãe, e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne?"

A maior felicidade conhecida sôbre a Terra encontra-se através do matrimônio em lar cristão. Essa felicidade, porém, não vem por acaso. Chega aos que desde o próprio dia de suas bodas tomam a determinação de ter êxito e de fazer da edificação de um lar cristão sua ocupação primordial na vida em comum.

Rodeados dos bons desejos de vossos amigos, os primeiros quilômetros de vossa viagem juntos serão fascinantes. Cedo, porém, a lua de mel submergirá no inquieto mar da vida. A cena de "raios de lua e rosas" transformar-se-á noutra de "raios de sol e pratos para lavar". Então, enfrentareis as rudes realidades da vida.

O casal feliz, que é a espécie de casamento que Deus deseja que tenhais, não é alguma coisa que vos admirará por acaso ou acidentalmente. Ao contrário, é um prêmio excepcionalmente precioso que deve ser alcançado com o auxílio de Deus por meio de uma vida inteligente, desinteressada e de oração — vivida um para o outro.

Disse-se com acêrto que quando um homem e uma mulher se unem no santo matrimônio, sua união pode efetuar-se em um, dois ou três planos diferentes de vida: o físico, o físico e intelectual, e o físico, intelectual e moral. O plano de Deus é que vosso casamento, para vossa felicidade mais completa, tenha como resultado a união nesses três planos.

Quando o verdadeiro amor vos possui, é êle tão belo e profundo que se aproveita de tudo quanto sois e de toda a vossa vida para expressar seu pleno significado. O amor verdadeiro santifica e ajuda a controlar o impulso sexual. Devemos lembrar-nos sempre de que Deus criou o sexo, e tudo quanto criou para nós, é puro e edificante, sagrado e belo, quando compreendido e empregado corretamente. Certo é que o sexo pode ser degradado, mas não é necessário que tal coisa aconteça. E se ideis ao casamento sem a compreensão adequada

da verdade divina do sexo, não estais plenamente capacitados para dar êsse passo. Um escritor cristão declarou que o sexo tem três propósitos para preencher na vida, a saber: o primeiro, é assegurar a perpetuação da raça humana; o segundo, proporcionar prazer ao espôso e à espôsa ao participarem de suas manifestações mútuas de amor; o terceiro, conseguir a identificação de ambos, já que promove a harmonia e os une até que cheguem a ser uma só entidade.

Essa união, no plano físico apenas, porém, não é suficiente para proporcionar o ideal de felicidade ao casal. Vossos interesses mútuos devem abranger, naturalmente, o trabalho do espôso, o cuidado do lar, o desenvolvimento intelectual, a música, os entretenimentos, os amigos e muitos outros aspectos. Aos interesses desta espécie é que me refiro quando falo da união no plano intelectual, social e cultural. Geralmente certo é que um espôso e uma espôsa que têm muitos interesses e amigos em comum, vejam-se ligados mais firmemente e achem que a vida se lhes torna mais interessante.

Ao passo que a espôsa se dedica a atender à casa, também deve ampliar seus horizontes, a fim de estar capacitada para abordar inteligentemente diversos assuntos. A espôsa precisa de bom senso, de incentivo generoso da ambição, da capacidade de compreender o trabalho do espôso. A maioria dos homens não reconhece o papel importante que sua espôsa desempenha na formação de seu próprio futuro. Alguns patrões não empregam uma pessoa sem saber se sua espôsa será um elemento de êxito. Um comerciante de êxito disse, recentemente: "Detrás de cada homem de êxito existe uma mulher que sabe com precisão em que ponto êle necessita ser impellido e quando deseja ser animado. Ela deve animá-lo quando está deprimido e manejar as rédeas quando dá sinais de estar desencaminhado, perseguindo coisas sem valor. Deve estar interessada na carreira do espôso, compreendendo que é sua própria carreira, e que ela pode levá-la ao êxito ou arruiná-la."

Sobretudo, porém lembrai-vos de que vosso casamento não pode alcançar felicidade completa se exclui dêle a Deus. O matrimônio é uma instituição divina. Por isto incluí a Deus no lar que estais para estabelecer. Lêde juntos a Palavra de Deus, e juntos orai cada dia. Verdade inegável é que "a família que ora unida, permanece unida". Não me chegou ao conhecimento que casal nenhum que orasse regularmente juntos, houvesse pedido divórcio. Portanto, fazei que vosso vínculo de união mais profundo esteja na região íntima da alma em que se encontram a consciência e os verdadeiros ideais. Dêsse modo, a divina mão protetora vos conduzirá e, por meio de Seu amor eterno, o amor que sentis um ao outro será fortalecido e firmado para sempre.

O matrimônio é a mais estreita e íntima das relações humanas, e por isto existe um processo durante o qual o homem e a mulher aprendem a viver em companhia e se ajustam mutuamente. Devido a não haver duas pessoas iguais, pode esperar-se que quando dois indivíduos procedentes de lares diferentes e de temperamentos e gostos diferentes se enamoram, e posteriormente se casam, surjam divergências e devam fazer-se adaptações. Tendo isto em conta, perfeitamente normal é que

por vèzes os esposos tenham opiniões radicalmente opostas. As vèzes êsses conflitos em realidade aliviarão a tensão, e o matrimônio se verá fortalecido por essas diferenças quando adequadamente dirigido. Por certo sempre deverá ser lembrado que existe uma diferença entre os desacordos construtivos e os destrutivos. Nem sempre estareis de acôrdo, e por isso bom será que aprendais a dissentir com amor. Um velho filósofo deixou-nos para essas ocasiões, êstes bons conselhos:

“Nunca vos zangueis os dois ao mesmo tempo.

“Nunca faleis desprezivamente um do outro, quer sós quer em presença de terceiros.

“Nunca griteis, a menos que a casa esteja pegando fogo.

“Nunca lembreis ao outro os erros passados.

“Nunca vos encontreis sem dedicar-vos uma saudação amorosa.

“Nunca esqueçais as horas felizes de vosso primeiro amor.

“Esforçai-vos por atender tão a miúdo quanto possível aos desejos do outro.

“Nunca façais em público uma observação em detrimento do outro.

“Não permitais que o Sol se ponha sôbre alguma zanga ou discussão.”

Conta-se a história de um casal que estava sempre discutindo e altercando. Finalmente se traçaram um plano que lhes permitiria viver em paz. Decidiram que quando a êle lhe fôsse mal no escritório e chegasse a casa com vontade de explodir, derrearia o chapéu sôbre a testa, e dêsse modo a espôsa compreenderia. E não importa o que êle dissesse, deveria ela manter-se em silêncio sem responder uma única palavra. Mas nos dias em que as coisas houvessem andado mal em casa e fôsse ela quem passasse um mau momento, levantaria o avental e, ao ver isso o espôso, não deveria dizer nada, não importa quantas coisas ela dissesse. Ambos seguiram êsse plano, e tudo parecia ir muito bem. Certa noite, porém, ao regressar êle pelo caminho do jardim, com o chapéu derreado sôbre a testa, viu abrir a porta a espôsa, com o avental levantado. Que iria acontecer? Que fariam? Fizeram a coisa mais judiciosa que poderia ocorrer — puseram-se a rir de boa vontade os dois.

Amigos, se existe uma verdade evidente é esta: O casamento de êxito é o resultado do propósito definido de êxito da parte de *ambos*. Temos que aprender a como viver com um espôso ou com uma espôsa. Não espereis perfeição. Um casal é o produto de um crescimento lento, e sua felicidade não chega repentinamente. Ambos tendes que esforçar-vos por ela. Não se casa a gente e imediata e automaticamente é feliz dali em diante. Certo é que a princípio o amor romântico tem muito que ver e proporciona profunda e estimulante experiência emocional quando a atração física atua com fôrça. Mas depois de um tempo começa a surgir em vossa relação conjugal um amor estável e seguro, uma profunda devoção mútua que vos une com mais firmeza, como resultado dos dissabores e alegrias partilhados por ambos na vida diária. Ambas essas espécies de amor são necessárias. Ambas devem combinar-se e completar-se. O amor romântico é desejável e necessário, mas o amor conjugal é absolutamente essencial para que o casamento perdure.

Nas relações matrimoniais existem certos setores onde se originarão problemas, a menos que ambos estejais em guarda. A causa mais freqüente de dificuldades em qualquer sociedade é o dinheiro. Tem-se dito que nove décimas partes dos problemas e discussões entre esposos se originam em tórno das finanças. Um escolho por cuja culpa naufragaram muitos casamentos é o desperdício. Para algumas espôsas — e esposos — é difícil aprender a viver de acôrdo com o rendimento familiar. Um espôso tacho e mesquinho, que guarda no Banco tanto dinheiro quanto pode e vigia os gastos da espôsa, está dando lugar a dificuldades e rusgas, tão seguramente como quem, por causa de seu orgulho, gasta uma quantidade desproporcional de seus rendimentos em coisas consigo próprio. Ambos devem ter algum dinheiro de vossa propriedade exclusiva e que possais empregar sem dar contas ao outro. Depois de experimentar durante algum tempo o manêjo do dinheiro, dar-vos-eis conta de que na generalidade dos casos, a espôsa é, dos dois, a mais hábil nesse sentido.

Outro setor que dá origem a problemas é o das relações com os parentes. Conquanto não vos deis conta disso agora, já vereis que quando vos casais não o fazeis unicamente com a pessoa que amais, mais com tôda a sua família. Portanto, observai bem vossos futuros parentes; aprendei a apreciá-los e a compreendê-los. Isto não significa de modo nenhum submissão cega nem obediência a todos os seus desejos. Reservai vossos assuntos privados para vós mesmos. Resolvi vossos próprios problemas como vos seja possível. Não converseis a seu respeito com vossos parentes e amigos.

O Dr. Clifford R. Adams, em seu livro *Preparing for Marriage*, (O Preparo para o Casamento), sugere que vos façais algumas perguntas:

“Tendes em comum muitos interêsses e coisas que gostais de fazer juntos?

“Estais orgulhosos de vosso futuro companheiro ou companheira, e nada há do que a êle ou a ela diga respeito, de que devais envergonhar-vos ou pedir desculpas?

“Sentis forte desejo de agradá-lo, ou agradá-la, ainda que isto signifique abandonar vossas próprias preferências?

“Tendes absoluta confiança no que êle ou ela diz ou faz?

“Tem êle ou ela as qualidades que desejais ver em vossos filhos?

“Admiram vossos parentes e amigos íntimos a pessoa em quem tendes interêsse, e aprovam êles vosso casamento?

“Podeis discordar mas permanecer afáveis, amáveis e respeitosos, um para com o outro?

“Tendes muitos amigos em comum?

“Haveis-vos preocupado em pensar nos assuntos que se referem aos dois, em vez de nos que se referem a vós exclusivamente?

“Planejastes já, pelo menos em vossa própria mente, a boda, e imaginastes o que será o vosso lar?

Não são boas perguntas para conhecer o grau de preparo individual para o casamento?

O tempo está passando com rapidez. Mas antes de saídes, quero contar uma história de dois recém-casados. Estavam êles abrindo juntos os pacotes que continham presentes, e apanharam um que continha um belo par de chinelos para a esposa. Sua surpresa foi maior, porém, ao descobrirem que no pacote também havia dois pares de sapatos velhos. Oh! êstes são os meus sapatos velhos! disse a senhora. E êstes são os meus! exclamou o marido. Abriram impacientemente um envelope, que continha uma cédula de mil cruzeiros e uma carta do pai do esposo, que rezava:

“Querido filho: Ofereço êstes chinelos novos a ti e a tua esposa, para que os usem na estrada da vida matrimonial. A princípio a vida conjugal poderá apertar e fazê-los sentir um pouco incômodos depois da novidade. Mas, à medida que passem os dias, as semanas e os anos, verás que êsses laços se vão tornando mais satisfatórios, mais perfeitos — tão confortáveis quanto os sapatos depois de usados durante algum tempo. De todo o coração desejo que ambos façam uma feliz viagem juntos.”



ESTUDOS BÍBLICOS

OS AMIGOS DE DEUS

C. G. BELLAH

(Ministro Aposentado, União Central dos E. U. A.)

(Um amigo é alguém que sabe tudo a nosso respeito, e não obstante nos ama.)

I. AS RELAÇÕES DE ABRAÃO PARA COM DEUS

A. O Amigo de Deus

1. Foi chamado o amigo de Deus (S. Tia. 2:23).
2. Isso é melhor do que todos os louvores do mundo.
3. O homem confia no seu amigo. Confiamos em Jesus?

B. O Amigo de Deus Para Sempre (II Crô. 20:7).

As cartas entre amigos, em geral terminam com as expressões: “Sempre amigo”, “amigo até à morte”. Jesus é nosso amigo além da morte.

II. TRÊS ATITUDES ADOTADAS PELO HOMEM PARA COM JESUS

A. Estranhos

1. Muitos são estranhos para com Deus (Efê. 2:12).
2. Não têm Deus, nem Cristo, nem promessa, nem esperança.
3. São os mais miseráveis de todos os homens (I Cor. 15:19).

B. Conhecidos

1. Deus convida os homens a com Êle se relacionarem (Jó 22:21).
2. “Une-te pois a Êle” agora. Nunca esperar uma apresentação. Amanhã poderá ser tarde demais, e significar a perda da alma. Quanto mais cedo O conhecermos, tanto melhor.
3. Apresentemo-vos. É fácil estabelecer relações com Êle.
4. Alguns têm ligação apenas passageira. Não mantêm boas relações com o melhor Amigo que o pecador já teve.

C. Amigos

1. Jesus disse: “Tenho-vos chamado amigos” (S. João 15:15).
2. Somos Seus amigos se Lhe obedecermos (S. João 15:14).
3. Necessitamos todos dêsse Amigo, e Êle quer a nossa amizade.
4. Êle muito arriscou para chamar alguns de nós amigos Seus.
5. Seu extraordinário amor por nós provou-o Êle com Sua morte por nós.

III. QUATRO MANEIRAS DE RELACIONAR-NOS COM DEUS

- A. *Pelo Estudo da Bíblia.* Se não compreendemos a Bíblia, peçamos ao Seu Autor que no-la explique.
- B. *Pela Oração.* Falemos com Deus, e esperemos que nos responda.
- C. *No Lar.* Busquemos algum lugar solitário — o quarto, porão, sótão — e peçamos que venha ter conosco ali.
- D. *Na Igreja.* Encontremo-nos com nossos amigos e com nosso Amigo ali. Concedamos a Deus uma oportunidade ali, e não nos arrisquemos mais.

IV. TORNAR-NOS-EMOS AMIGOS DE JESUS AGORA?

- A. *Êle nos está batendo à porta do coração* (Apo. 3:20).
- B. *Êle pára, bate, escuta, ama.* Não O desprezemos.
- C. *Êle é um Amigo mais chegado do que um irmão* (Prov. 18:24).
- D. *Êle chamou Lázaro “o nosso amigo”* (S. João 11:11).
- E. *Eu aceitei a Sua amizade há cinquenta e cinco anos.* Somos agora velhos amigos; amigos confidenciais. Que alegria me será o encontrá-Lo quando vier nas núvens de glória!

Como Vencer os Maus Hábitos

Mais fácil é convencer uma pessoa de que certas coisas são prejudiciais, do que persuadi-la a que abandone esses hábitos destrutores da alma. A seguir damos algumas instruções de reconhecido valor prático:

I. PRINCÍPIOS GERAIS

A. Fazei ressaltar os hábitos prejudiciais como vulgares ardis de Satanás.

1. Os prazeres do pecado são gozos temporais (Heb. 11:25) que acarretam amargas consequências futuras. (Odiamos alguma coisa com mais facilidade quando nos convencemos de que nos enganou.)

2. Deus nos proporcionará gozos perduráveis se Lho permitirmos. (Sal. 16:11.)

B. Aprendei a considerar o pecado um hábito prejudicial, ou que infalivelmente conduz ao pecado. Pecado é qualquer coisa que se põe ao plano de Deus.

1. "Aquêlê, pois, que sabe fazer o bem e o não faz, comete pecado." (S. Tia. 4:17.)

2. "E, se a tua mão direita te escandalizar..." (S. Mat. 5:30.)

Deveis ser sinceros e estar dispostos a sacrificar-vos, a fim de vencer as tendências pecaminosas. Únicamente assim podeis alcançar a vitória.

C. Considerai que os hábitos prejudiciais são um acréscimo que fazeis à escravidão de Satanás.

1. "Não sabeis vós que a quem vos apresentades por servos para lhe obedecer, sois servos daquele a quem obedeceis, ou do pecado para a morte, ou da obediência para a justiça?" (Rom. 6:16.)

2. O Senhor quer *libertar-vos*. "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará." (S. João 8:32.)

"Não negará bem algum aos que andam na retidão." (Sal. 84:11.)

D. Aprendei a conhecer os perigos fisiológicos e psicológicos que encerram os hábitos prejudiciais.

1. Os maus hábitos são um suicídio lento que continuamente vai reduzindo a verdadeira vitalidade.

2. Por que ser cópias carbônicas das massas irreflexivas? Mudar de atitude equivale a proceder com inteligência, e são muitos os que anelarão possuir o mesmo valor para conseguilo.

E. Lembrai que a cada instante Cristo está disposto a conceder-vos o poder de vencer. "A oração modifica as coisas."

1. "É-Me dado todo o poder... Portanto, ide..." (S. Mat. 28:18 e 19.)

2. "Tudo quanto pedirdes a Meu Pai, em Meu nome, Ele vo-lo há de dar." (S. João 16:23.)

F. Desejai deliberadamente modificar a perspectiva própria. "Olhai para Mim, e sereis salvos." (Isa. 45:22.)

1. "Pên ai nas coisas que são de cima." (Col. 3:2.)

2. "Não ameis o mundo... O mundo passa, e a sua concupiscência." (I S. João 2:15-17.)

G. Não necessitais torturar-vos procurando abandonar os maus hábitos pouco a pouco.

1. Fazei *agora* uma firme decisão.

2. "Eis aqui agora o tempo aceitável." (II Cor. 6:2.)

3. "Espera!" é a sugestão de Satanás.

H. Permanecei afastados dos lugares e das companhias que sabeis serem motivos de tentação.

1. "Bem-aventurado o varão que não anda..." (Sal. 1:1.)

2. Associai-vos a pessoas que venceram, e visitai-as.

I. Pensai construtivamente. Existe verdadeiro poder na maneira correta de pensar. Não vos limiteis meramente a pedir forças do alto; é preciso passar a dar graças a Deus por já havê-las concedido e respondido às orações.

1. Se compreendeis que sois fracos, recalcai que a graça de Deus "se aperfeiçoa na fraqueza." (II Cor. 12:19.)

2. Louvai a Deus pelas contínuas vitórias que alcançais em Cristo. "Posso tôdas as coisas n'Aquele que me fortalece." (Fil. 4:13.)

3. Substituí por outra coisa o hábito desaparecido.

4. Sete espíritos habitam onde havia um. (S. Mat. 12:43-45.)

5. Destinai semanalmente certo tempo para o serviço de Deus.

J. Testificai perante outros que vosso coração pertence ao Senhor e que n'Ele alcançais a vitória.

K. Vencer o mal é uma experiência de cada instante, hora e dia. Não permitais que a obra que resta por fazer se vos apresente como uma enorme montanha. "Basta a cada dia o seu mal." (S. Mat. 6:34.)

II. O ALCÓOL

A. Apresentai os numerosos passos que falam do álcool e das bebidas alcoólicas.

1. Melhor é "o que governa o seu espírito do que o que toma uma cidade." (Prov. 16:32.)

2. Nenhum bebedor herdará o reino dos Céus. (I Cor. 6:10.)

3. Buscai os passos adicionais.

B. Demonstrei que é Satanás, e não Deus, quem nos adormece os sentidos e perturba o juízo.

1. Os sentidos são as vias divinas de acesso para a alma.

2. Mesmo quando pendente da cruz, Cristo recusou o que Lhe podia perturbar os sentidos.

C. Evitai toda bebida prejudicial.

1. Ponde a Bíblia ou a *Vereda de Cristo* onde guardáveis a bebida, e quando vos sentirdes tentados a beber, lede as promessas, e pedi a vitória pela fé.

2. Permanecei afastados dos bares e dos bebedores.

3. Bebei muito suco de frutas.

D. Os bebedores podem conseguir certos remédios preparados cientificamente para combater este vício, e bem farão com prová-lo.

E. Ocupai-vos em alguma atividade ao ar livre, pelo menos depois das horas do trabalho regular.

F. Assisti a todas as reuniões da igreja.

III. O FUMO

A. Convencei-vos de que o fumo é um veneno, e decidi-vos a abandoná-lo.

B. Estai certos de que haverá luta, mas decidi-vos a manter-vos firmes, mesmo que seja até à morte. (Heb. 12:4; Apoc. 2:10.) Não obstante, a supressão deste hábito, em vez de destruir a vida, proporciona vida mais ampla.

1. Detenhamo-nos e oremos quando somos intensamente tentados.

2. Reconheci que não se trata apenas de um hábito descortês que longe está de parecer-se com os hábitos cristãos, mas que também vai contra a mordomia, pois rouba a Deus os recursos que poderiam ajudar a ganhar mais almas.

3. Considerai também a contaminação do templo de Deus pelas enfermidades que produz e pelo embotamento do cérebro.

4. Pensai no gozo da vitória: nervos firmes, corpo são, paladar normal, boca limpa, ar puro no lar, sem fumaças incômodas.

C. Defini vossa posição acerca do vício, a fim de que outros vos conheçam por vossa qualidade de cristãos.

D. Quando fôrdes tentados, fazei uso de frutas, da goma de mascar ou de caramelos (balas, rebuçados, etc.).

IV. ENTRETENIMENTOS INCORRETOS

Baile, cinema, música duvidosa

A. Os cristãos devem seguir as pegadas de Jesus.

1. Pergunta: Desejais realmente seguir vosso Senhor? Então, quereis aplicar a prova de Fil. 4:8? "Tudo o que é verdadeiro..."

2. Lede declarações de fontes não adventistas acerca da natureza imoral desses entretenimentos.

B. A parábola dos talentos pode ser aplicada a este caso.

1. O tempo e a energia nervosa não são talentos que devem malbaratar-se.

2. "Mas a que vive em deleites, vivendo está morta." (I Tim. 5:6.)

C. O que Satanás tem, não são mais do que umas poucas idéias básicas gastas.

1. Não proporcionam nenhuma satisfação verdadeira. Considerai quão enfastiado está o coração com essas coisas.

2. Na amizade que a igreja oferece há gozos e amigos mais duradouros.

D. Introduzi o candidato no companheirismo da igreja: cultos, responsabilidades, sociabilidade.

V. CONCLUSÃO

A. Tomai uma decisão definitiva.

1. Recusai os desprezíveis substituintes dos caminhos de Deus, que Satanás vos oferece.

2. Fugi do tentador; mantende-vos afastados do terreno de Satanás.

B. Adotai normas de pensamento construtivas, e realizai uma ação positiva.

1. Tratai esclarecidamente os problemas dos hábitos prejudiciais. Sabei por que motivo determinado hábito é prejudicial.

2. Reconheci a escravidão a que submetem os prazeres proibidos, e as conseqüências posteriores que acarretam.

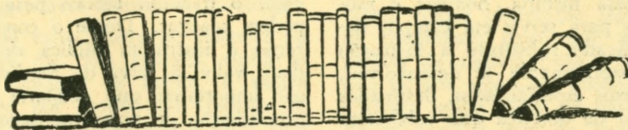
3. Rompei imediatamente um hábito, e não busqueis fazê-lo paulatinamente. (Dan. 4:27.)

C. Mantende-vos ocupados na obra de Deus.

1. Testificai gozosamente da vida verdadeira, pura e santa.

2. Preocupai-vos de prosseguir as boas obras com firmeza de propósito.

3. Ajudai os demais. Resgatai outros que estejam escravizados pelos hábitos prejudiciais. — De *The Ministry*, dezº. de 1955.





E VANGELISMO

Figuram as Mulheres na Obra Evangélica?

LUÍZA C. KLEUSER

(Secretária Associada da Associação Ministerial)

DURANTE a primeira metade do século vinte duas guerras mundiais produziram modificações sensíveis em muitos campos do pensamento. O surgimento de necessidades específicas em diversas especialidades deu lugar em forma repentina e crescente ao trabalho da mulher fora de casa. Nos anos desses conflitos bélicos, requereram-se os talentos da mulher em grau dificilmente comparável a qualquer outro período da história. Suas aptidões naturais para a maternidade, a criação, o ensino e outras ocupações próprios da mulher, foram requeridos com urgência imperiosa de setores alheios ao lar. Pediu-se-lhe que abandonasse a casa, a cozinha e o berço, para labutar em ambiente inteiramente diverso e até contrário à sua missão natural, a fim de atender às necessidades da hora.

Não obstante, o ritmo febril desses dias de guerra deixavam pouco tempo para considerar essas modificações em suas conseqüências finais, e com a perspectiva de amplo alcance; era muito o que estava em jogo no presente imediato. A pergunta não era quem devia fazer as coisas, mas que devia fazer-se. O importante era certificar-se de que as coisas fôsem feitas. Enquanto o mundo olhava com crescente desilusão para as principais nações, a mulher trabalhava para consolidar um mundo melhor.

Naturalmente, a guerra atingiu também as atividades da igreja e o papel que nela desempenhava a mulher. O certo é que imperceptivelmente estamos evoluindo para uma nova estrutura da sociedade, evolução de que às vezes não estamos plenamente conscientes. Aceitando estes fatos, a igreja precisará fazer algumas considerações no tocante ao trabalho da mulher, e os adventistas não são exceção à regra.

Nossas Profissões Denominacionais

Desde o seu próprio começo, a Igreja Adventista teve verdadeira preocupação por sua juventude. Através de toda a nossa história, homens e mulheres foram chamados para servir em campos novos. O ensino simplificado substituiu a instrução mais acurada, que posteriormente se desenvolveu, até converter-se em cursos especializados, destinados a produzir um exército de obreiros que colaborem na tarefa de disseminar a mensagem do terceiro anjo, e, como dizemos entre nós, de "terminar a

obra". Nossa denominação conta com numerosas instituições educativas, médicas e editôras. Em média, depois de militarem dez anos nas fileiras, os adventistas se encontram, diretamente ou por intermédio de seus parentes, relacionados com algum ramo da obra.

Converter nossos membros em potentes obreiros que colaborem na terminação da obra evangélica equivale a alguma coisa mais do que ideais, meios e energia. Conquanto, em si mesma, a mensagem contenha elementos de adaptação e esteja investida do estímulo que lhe permite ver as coisas feitas, encontramos no conselho dado à igreja de Laodicéia, a prevenção de manter nossa visão aclarada. Este conselho abrange, sobretudo, nossas necessidades espirituais, mas também as da igreja em todo sentido.

Demos Mais Ênfase à Obra Bíblica

Sem a menor dúvida, embora necessitemos de diversos tipos de obreiros para nossa obra educativa, médica e de publicações, o evangelismo também requer grande número de obreiros pessoais. Os generais sábios e previdentes efetuam ocasionalmente uma revista das tropas e da posição que cada batalhão ocupa, para assegurar-se de que o exército sob suas ordens vai atingindo o seu objetivo principal. Quão imprudentes seriam os generais do exército adventista se permitissem que os obreiros pessoais — obreiros que estudam e oram com as pessoas nos lares — desatendessem sua incumbência? Isto nunca deve acontecer porque é uma parte vital de nosso plano de evangelização.

Desejosos de satisfazer a angustiante necessidade de obreiros pessoais competentes, sugerimos, a seguir, aos nossos dirigentes, uns pontos definidos que outorgarão vigor e eficiência à nossa mensagem:

1. Juntamente com a ênfase que pomos na necessidade de empregar homens para nossa obra evangélica, devemos sublinhar com extraordinário vigor o trabalho bíblico pessoal que nossas irmãs podem realizar. Desde o começo de nossa organização a instrutora bíblica demonstrou seu verdadeiro valor; à serva do Senhor foi mostrado o lugar importante que ocuparia nas horas finais da proclamação de nossa mensagem. Ainda não achamos um substituinte para a obreira bíblica consagrada, e ao considerar estes fatos, devemos, instar

com nossos dirigentes para que, ao tratarem de consolidar a obra evangélica pessoal, não releguem para plano secundário a mulher.

2. A utilidade e a eficiência da instrutora bíblica não consiste meramente em bater às portas para entregar os convites para as conferências, mas em ensinar inteligentemente as doutrinas das Escrituras. A pessoa de fino trato, instruída e com espírito de ganhar almas não poderá rebelar-se jamais contra a ocupação de distribuir convites, mas é sensato que os dirigentes a ocupem sobretudo nisso? Não lhes será prejudicial para o espírito e para a saúde geral, o confiar-se-lhe exclusivamente a missão de subir escadas e tocar campainhas? Se ampliarmos mais a sua esfera de ação, não apenas daremos à instrutora maiores satisfações em seu trabalho, mas o evangelista poderá organizar melhor o seu grupo de auxiliares, e o seu trabalho pessoal,

o que aumentará a eficiência do conjunto e redundará em mais ampla colheita de almas.

Tendo em conta a colaboração desinteressada e abnegadíssima que estas irmãs prestam aos nossos evangelistas e pastores, deveremos dar maior consideração ao bem-estar e à saúde da instrutora bíblica. Em princípio já nos propusemos como objetivo para os próximos anos, orientar e preparar as melhores senhoritas de nossas igrejas para o setor da obra bíblica. Nossos colégios e seminários teológicos estão bem equipados para cultivar nessas valiosas obreiras personalidade atraente, habilidade no trabalho e alicerce cultural suficiente. Tendo em conta estes fins e concretizando-os, não apenas aumentará o número de conversos mas estes emprestarão maior força às nossas igrejas e auxiliarão a pronta consumação da comissão evangélica.



E VANGELISMO DA SAÚDE

Como é que o Hospital Alcança os Corações

BESS NINAJ

(Instrutor Bíblico, Washington Sanitarium)

“A RELIGIAO de Cristo, exemplificada na vida diária de Seus seguidores, exercerá dez vezes mais influência do que o mais eloquente sermão.” — *Counsels on Health*, pág. 289. Nestas palavras a serva do Senhor se referiu à maior influência com que contamos nos hospitais, para salvação de almas — a vida diária do obreiro.

Outra declaração igualmente notável é encontrada na pág. 278 do mesmo livro: “Não são os edifícios grandes e dispendiosos; não é o mobiliário luxuoso; não são as mesas repletas de iguarias, que comunicarão à nossa obra influência e êxito. É a fé que opera por amor e purifica a alma; é a atmosfera de graça que envolve o crente.”

Verdade é que a limpeza, os arredores atraentes e o bom alimento desempenham parte importante na vida do enfermo, mas mais eficiente é a “atmosfera de graça” produzida pela vida dos obreiros.

No Washington Sanatorium é-nos freqüentemente chamada a atenção para a bondade dos obreiros e para a atmosfera agradável dentro da instituição.

Um comerciante de êxito esteve no hospital há vários meses. Sofrera êle dois ataques, tinha as juntas doloridas e inchadas de artrite, e estava desanimado e oprimido por motivo do fracasso de seu casamento. Tão preocupado estava com suas perplexidades que não sabia a que instituição o

tinham levado seus parentes, nem lhe interessava saber. Os dias gradualmente se transformaram em semanas, e começou a passear pelos vestibulos e varandas e a entrar em contato amistoso com outros enfermos.

Logo começou a receber estudos bíblicos. Um dia êle me disse: “Eu me devotei ao comércio e a fazer fortuna — ainda mais, talvez, por motivo de minha vida doméstica infeliz. Na vida social, busquei compensar minha infelicidade freqüentando clubes, jogando *golf* e bebendo. Agora tudo está transformado. Desejo devotar a vida a Deus. A bondade destas pessoas me empolga, e quero ser tal quais elas são. Mas como saberei que Deus me aceitará?” Dia a dia precisava êle de que lhe fôsse assegurado que Deus perdoa. Aprendeu a orar; e contou que dedicava a vida a Deus tôda vez que orava. Estava ansiosíssimo por prosseguir aprendendo mais da verdade quando voltasse para casa.

Temos um judeu que está internado pela segunda vez no espaço de um ano. Sumariou êle o seu problema com a observação seguinte: “Sei que não é de tratamento físico que preciso; é a alma que precisa de alguma coisa.” Voltou ao hospital porque pensou que aqui obteria o auxílio necessitado. Estivera lendo obras de natureza espiritualista, entre as quais o livro de Joshua Liebman, *Peace of Mind* (Paz de Espírito). A dificuldade com todos

os livros que tem lido, diz êle, é que atingem o intelecto mas deixam frio o coração. Está agora lendo *Patriarcas e Profetas*, e encontra nêle inspiração.

Esse homem foi criado num lar ortodoxo, mas rejeitou a religião por motivo das incoerências e tradições ilógicas observadas. Por ocasião dos estudos bíblicos recebidos faz perguntas, tais como: "Quem é o Cordeiro citado com tanta freqüência?" "Que diferença há entre o Velho e o Novo Testamentos? Contradiz um ao outro?" "Como podem os judeus rejeitar a Cristo quando tão repleto d'Ele está o Velho Testamento?" Outra pergunta que fêz, foi esta: "Nos cultos vespertinos vejo presentes pacientes que sofrem — alguns dos quais aleijados. E ao orar o capelão, muitas vêzes faz alusão ao amor de Deus a êles. Como pode dizer que Deus os ama, estando êles nesse estado?"

Fica empolgado com a harmonia existente nas Escrituras, e a esperança de uma vida real e eterna está-lhe comunicando novo ânimo e aspiração. Está inteiramente destituído de preconceito e acessível.

Hoje, justamente quando estávamos para começar o estudo, disse que tinha um assunto de que queria tratar primeiramente. Zangara-se três vêzes essa mesma manhã — com o médico, com um amigo e com a sua espôsa. Queria saber o que deveria fazer, então. Depois de estudarmos o assunto da confissão e do perdão, disse: "Vê o senhor como se está operando uma transformação no meu

entendimento e procedimento? Até agora eu nunca reconheci que estivesse no erro. Em verdade, sempre buscava justificar-me do que dizia ou fazia."

Lembro-me de outro paciente — uma senhora que se tornou adventista, faz agora uns quinze anos, e abandonou a verdade por pensar que, por motivo da oposição do marido, não poderia manter-se fiel. O seu coração ficou com a mensagem, embora perdesse o contato pessoal e não mais freqüentasse a igreja.

Há uns três meses o marido dessa senhora internou-se para uma operação do pulmão. E há apenas uma semana também ela precisou internar-se para tratamento médico. Quase logo depois de chegar pediu estudos bíblicos para o marido. Julgou ela que êsse era o momento para impressioná-lo, e quis que eu fôsse ali no horário das visitas, quando o marido estava com ela. Ao chegar eu e ela dizer-lhe que iríamos ter um estudo bíblico, êle apanhou o chapéu, dizendo: "Bem, então vou sair. Tenho uma providência para tomar antes de voltar para casa." A pedido dela, porém, ficou. Ao terminar o estudo, perguntou: "Quando virá o senhor outra vez? Está-me interessando."

Êstes três exemplos correspondem a pessoas de crenças diferentes — um protestante, um judeu e um católico, romano. Entretanto, cada um dêles foi bem impressionado e está sendo influenciado pela atmosfera de bondade e interêsse da parte dos que lhes atendem às necessidades em tempo de enfermidade.

Os Métodos Modernos da Irmã White

JOÃO MCGOUGAN

(Pastor-evangelista da Missão Escocesa)

A MIÚDO, quando leio artigos de *The Ministry*, acêrca dos diversos aspectos do evangelismo em grande escala, sinto-me como a criança assombrada e esperançosa, perante uma vitrina de brinquedos caros, dando voltas a umas moedinhas que tem no bôlso. É sempre difícil saber como proceder numa série de conferências quando se dispõe de pouco dinheiro, especialmente quando na própria cidade natal, e são lembradas as muitas campanhas de evangelização já celebradas ali.

Ao pensar nestes problemas, ocorreram-me três possíveis soluções:

1. Uma maneira diferente de encarar a campanha para atrair as multidões.

2. Um assunto de interêsse comum para manter as multidões.

3. A limitação dos gastos de propaganda a fim de conseguir um bom salão, e confiar mais na propaganda falada.

Surgiu, o ano passado, entre os membros da igreja escocesa, grande interêsse pela medicina psicossomática. Pareceu-me, ao ler *The Ministry of Healing* (A Ciência do Bom Viver), que a única verdadeadeira cura psicossomática se opera quando a mente humana e seus pensamentos se põem em harmonia com as leis espirituais divinas. Portanto, os discursos foram feitos com base nos ensinamentos

da Sra. Elen White, que são geralmente apreendidos no final da série. O pensamento-chave das reuniões, era: "Reformai-vos pela renovação de vosso entendimento", e "sêde um com o reino dos céus que está em vós". Citamos amiúde a irmã White com declarações tais como estas:

"Cumpre [aos seres humanos] estudar a influência da mente sôbre o corpo, e dêste sôbre aquela, e as leis pelas quais são êles regidos. Não pode ser trazido demais à nossa lembrança que a saúde não depende do acaso. É resultado da obediência da lei." — *A Ciência do Bom Viver*, pág. 105.

Os Novos Métodos Deram Bom Resultado

O interêsse suscitado foi surpreendente. Depois da apresentação do sábado e da rotura praticada na lei espiritual, a assistência subiu de 500 para 1 000. Foi fácil, depois, apresentar a mensagem de Apocalipse 14 e outros temas correlatos. Ao reconhecerem os ouvintes de forma clara a razão de estarmos dirigindo essas reuniões: convidá-los para que guardassem os mandamentos de Deus e se unissem à igreja remanescente, simplesmente ficaram comovidos e, com alegria, aceitaram a verdade. O resultado final foi que se batizaram cinquenta pessoas, e entre elas muitos casais.



NOTAS E NOTÍCIAS

... Anunciou o Rádio de Moscou que foi publicada nova edição da Bíblia Ortodoxa russa, a primeira desde 1918.

... Os candidatos a policial nova-yorquino farão um curso que versará sobre os valores morais e espirituais. É esse o primeiro do gênero que se dá no país.

... Existem aproximadamente 71.500.000 luteranos no mundo, segundo estimativa constante em novo guia compilado em Genebra pela Federação Mundial Luterana.

... A Bíblia completa, Novos Testamentos ou porções da Bíblia, foram já publicadas em 1902 línguas e dialetos, relatou em Nova York, a Sociedade Bíblica Americana.

... Os cientistas do Museu Arqueológico de Plovdiv, na Bulgária, informaram o descobrimento, numa localidade vizinha, dos alicerces de espaço templo de três naves, pertencente aos cristãos primitivos do século V.

... Os Católicos, Romanos, nos Estados Unidos e seus territórios somam presentemente 33.574.017, com o aumento de 998.315 sobre o ano passado, em conformidade com o Anuário Oficial Católico de 1956, publicado em Nova York por P. J. Kenned & Sons.

... Um grupo de arqueólogos Norte-americanos partiu de Beckerley, Califórnia, para pesquisar a antiga cidade bíblica de Gibeão, com a esperança de lançar nova luz sobre a conquista da Palestina por Josué. Gibeão é mencionada na Bíblia quarenta e três vezes.

... PRÓXIMAMENTE se reunirão os eruditos de vários países para realizar o estudo da avaliação dos famosos rolos encontrados próximo do Mar Morto. Foram eles encontrados numa caverna próxima de Jericó, em 1947. Incluem o mais antigo manuscrito conhecido do livro de Isaías, um comentário do livro de Habacuque e uma coleção de doutrinas e práticas dos essênios, que viveram no tempo de Cristo.

... A CÔRTE de Apelações de Paris, deu uma decisão com que reconhece implicitamente que a água do altar de Nossa Senhora de Lurdes, curou um caso de câncer. O caso se refere à Sra. Luíza Bordas, jornalista, de cinquenta e cinco anos de idade, que afirmou haver sido completamente curada de um câncer agudo, quatro dias depois de beber uma garrafa de água que lhe levou uma amiga, do altar de Lurdes.

... Os ministros protestantes de Johannesburgo, na África do Sul, informaram que se produziu um reavivamento "sem precedentes" no interesse pela religião, entre a juventude sul-africana, nos dois últimos anos. O número de membros das organizações juvenis aumentou cerca de vinte e cinco por cento. Os jovens "estão acorrendo às igrejas aos milhares," informaram eles, acrescentando que o reavivamento fôra "tão notável e tão repentino" que se sentem incapazes de explicá-lo plenamente.

... No novo edifício da Primeira Igreja Batista de Washington, nos Estados Unidos, foram usadas pedras procedentes de famosas igrejas e santuários de todo o mundo. O Dr. Edward Hughes Pruden, pastor da igreja, diz que haverá pedras da Abadia de Westminster e da Catedral de São Paulo, de Londres, de uma igreja destruída por uma bomba atômica, em Hiroshima, e de igrejas batistas da Inglaterra, África, Alemanha e Argentina. Outras pedras procedem do Areópago, em Atenas, onde São Paulo pregou, e de diversas localidades da Terra Santa, inclusive as ribanceiras do rio Jordão. Declarou o Dr. Pruden: "Cremos que deste modo estamos demonstrando que formamos parte de uma comunidade cristã que abrange o mundo inteiro." Outra característica do templo será uma série de vitrais que representarão a vida e a obra dos dirigentes cristãos de tôdas as denominações, inclusive a dos iniciadores do movimento ecumênico.

RAPOSINHAS

(Continuação da pág. 24)

o possessivo. Não convirá dizer, por exemplo: *Resplandeça-vos a luz*, em vez de *resplandeça vossa luz*; *para que vos vejam as obras*, em vez de *vejam vossas obras*; *participei-lhe da merenda*, em vez de *participei de sua merenda*; *dei-lhe um conselho ao filho*, em vez de *dei um conselho a seu filho*. Em casos como esses, a segunda maneira de exprimir-se é muito mais clara, natural e vernácula.

Já no caso da omissão do possessivo, tratando-se

de partes do corpo ou faculdades de espírito, não haverá perigo de ambigüidade, e parece-nos que sempre é praticável, com proveito. Vejamos, por exemplo, quanto mais bonito é dizermos: *Curvemos a fronte para orar*, do que *curvemos as nossas fronte*; *dobrems os joelhos*, do que *dobrems os nossos joelhos*; *purifica-nos o coração*, do que *purifica os nossos corações*; *levantai a cabeça*, do que *levantai as vossas cabeças*; *tomou-o pela mão*, do que *tomou-o pela sua mão*; *abre-nos o entendimento*, do que *abre os nossos entendimentos*; *dói-nos o coração*, do que *doem os nossos corações*.

L. W.



NOSSA LINGUA

RAPOSINHAS

Não fazei mal ao próximo. — Notemos que, na imperativa negativa, emprega-se o subjuntivo em vez do imperativo propriamente dito: *não façais mal ao próximo*. Algum tempo atrás apareceu aqui um artigo todo, sobre o assunto.

Eu tenho menos força que ele. — A palavra *menos* é advérbio e portanto invariável. Nunca se usa no feminino. Deve-se dizer: *Eu tenho menos força que ele*. Outro erro muito comum é o emprego do advérbio *alerta* no plural, como se fôsse adjetivo variável. É muito freqüente ouvirmos dizer: *Estejamos alertas!* É errado. *Alerta* usa-se unicamente no singular.

Tocámos o assunto apenas com as pontas dos dedos. — Não afirmaremos que esteja errada essa expressão. Mas note-se que nesse caso o substantivo *pontas* tem sentido distributivo, quer dizer, distribuem-se as pontas pelos dedos, ficando cada dedo com uma só ponta. Acerca dos chamados substantivos distributivos, eis o que diz o ilustre filólogo Mário Barreto: “Se algum nome genérico se aplicar em sentido distributivo a duas ou mais pessoas ou coisas, usar-se-á no número singular: Pedro e seus filhos estão doentes do coração, e não dos corações. Interrogados pelo juiz, todos responderam afirmativamente com a cabeça, e não com as cabeças. O sentido nestes exemplos é distributivo, porque cada uma das pessoas mencionadas padece do coração e cada uma responde com a cabeça.” — *Através do Dicionário e da Gramática*, pág. 147.

Diante disso, vemos que são possíveis de aperfeiçoamento frases como as seguintes: Estamos com os corações alegres. Nossas almas se regozijam. Protejamos nossas habitações com fechos e ferrolhos, a fim de guardar nossas vidas. Se lhes fôsse permitido, os anjos maus conservariam sempre distraídos nossos espíritos e afligiriam constantemente nossos corpos, procurando destruir nossas vidas.

Vejamos se os exemplos acima não ficariam mais bonitos e elegantes assim: Estamos com o coração alegre (cada um de nós só tem *um coração*). Nossa alma se regozija. Protejamos nossa habitação com fechos e ferrolhos, a fim de guardar nossa vida. Se lhes fôsse permitido, os anjos maus conservariam sempre distraído nosso espírito e afligiriam constantemente nosso corpo, procurando destruir nossa vida.

Este último exemplo poder-se-ia ainda melhorar, evitando o abuso do adjetivo possessivo *nosso*, dizendo assim: “... conservariam sempre distraído nosso espírito e afligir-nos-iam constantemente o corpo, procurando destruir-nos a vida”.

É muito interessante este abuso do possessivo. Quem traduz do inglês, se não estiver sempre alerta, usará muitos possessivos perfeitamente dispensáveis. Dirá, por exemplo: Lá vem o João com a sua Bíblia debaixo do seu braço. Por que não dizer simples e elegantemente: Lá vem o João com a Bíblia debaixo do braço? Não é preciso dizer que a Bíblia é sua, o braço é seu.

Eduardo Carlos Pereira, ainda o maior gramático que o Brasil já produziu, recomenda: “Omite-se comumente o possessivo tratando-se de partes do corpo ou faculdades de espírito: — *cortei o dedo*, por *cortei o meu dedo*; o *boi perdeu o chifre*, por *o seu chifre*; o *homem perdeu o juízo*, por *o seu juízo*. Igualmente nas expressões — *vim de casa, vou para casa, ele está em casa*, por *vim de minha casa, vou para minha casa, ele está em sua casa*. Enfaticamente se dirá, entretanto — *vim de minha casa* [como quem diz: *não da casa de Fulano, mas de minha*], *ele está em sua casa*.

“Elegantemente é o possessivo substituído pelo respectivo pronome oblíquo — *levou-me o chapéu, captei-lhe a confiança, feriu-te o coração*, por — *levou meu chapéu, captei sua confiança, feriu teu coração*.” — *Gramática Expositiva*, 84^a. Edição, págs. 322 e 323.

Notemos que isso é uma recomendação dos gramáticos, e não dogma inviolável da língua. Não será errado usar o possessivo nos casos apontados. É, porém, pouco elegante, pleonástico, antieufônico.

Por outro lado, é fácil deixarmo-nos levar por um exagerado senso estético, caindo no outro extremo. Não devemos fazer *sistematicamente* essa substituição, com risco de cairmos em ambigüidade e preciosismo. Nossa língua é extremamente maleável, elástica, multifária, sonora e bela. Devemos prevalecer-nos dessas qualidades suas, jogando com tôdas as possibilidades, construindo a frase ora de um modo, ora de outro, às vêzes antepondo o adjetivo, outras pospondo-o, usando ora o possessivo ora o pronome oblíquo, etc. — mas tudo com muito critério e discernimento.

Voltando ao trecho acima, em que há abuso do adjetivo possessivo *nosso*, notemos que se o substituíssemos tôdas as vêzes pelo pronome, prejudicaríamos a naturalidade e elegância. Ficaria assim: “... conservar-nos-iam sempre distraído o espírito e afligir-nos-iam constantemente o corpo, procurando destruir-nos a vida.”

Casos há em que a substituição deixa a frase ambígua e obscura. Então será melhor usar mesmo

(Continua na pág. 23)